



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

JULIANA NEWCE AZEVEDO VALENÇA DE OLIVEIRA

**REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS NOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DAS
MICRORREGIÕES DE VALE DO IPANEMA, VALE DO IPOJUCA E SERTÃO DO
MOXOTÓ.**

Recife

2018

JULIANA NEWCE AZEVEDO VALENÇA DE OLIVEIRA

**REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS NOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DAS
MICRORREGIÕES DE VALE DO IPANEMA, VALE DO IPOJUCA E SERTÃO DO
MOXOTÓ.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau em Mestre em Arqueologia.

Área de concentração: Registro Rupestre

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Daniela Cisneiros Silva Mützenberg

Coorientador: Prof. Dr. Bruno de Azevedo Cavalcanti Tavares

Recife

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária Valdicea Alves Silva, CRB4-1260

O48r Oliveira, Juliana Newce Azevedo Valença de.
Representações zoomórficas nos sítios arqueológicos das microrregiões de vale do Ipanema, vale do Ipojuca e sertão do Moxotó / Juliana Newce Azevedo Valença de Oliveira. – 2018.
101 f.: il.; 30 cm.

Orientadora : Profª. Drª. Daniela Cisneiros Silva Mützenber.
Coorientador: Prof. Dr. Bruno de Azevedo Cavalcanti Tavares.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2018.
Inclui referências.

1. Arqueologia. 2 Pintura rupestre. 3. Representações - animais – humanas- forma de comunicação. 4. Representação rupestre – Brasil. 5. Grafismos de grande porte. 6. Pernambuco. I. Mützenber. Daniela Cisneiros Silva (Orientadora). II. Tavares, Bruno de Azevedo Cavalcanti (Coorientador). III. Título.

930.1 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-125)

JULIANA NEWCE AZEVEDO VALENÇA DE OLIVEIRA

**REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS NOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DAS
MICRORREGIÕES DE VALE DO IPANEMA, VALE DO IPOJUCA E SERTÃO DO
MOXOTÓ.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Aprovada em: 31/08/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Daniela Cisneiros Silva Mützenberg (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Bruno de Azevedo Cavalcanti Tavares (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Viviane Maria Cavalcanti de Castro (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Ana Catarina Peregrino Torres Ramos (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

In memoriam de

Haydée Freitas Valença de Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE, pelo suporte institucional e logístico.

À Facepe e a coordenadora do Projeto Caracterização dos Sítios com Grafismos Rupestres de Pernambuco Dra. Anne-Marie Pessis, por disponibilizar o acervo imagético do Projeto para a Universidade Federal de Pernambuco.

A minha orientadora, Professora Dr^a. Daniela Cisneiros pelo incentivo à dedicação aos estudos, ao rigor da ciência e pelos seus ensinamentos que foram essenciais para o meu enriquecimento científico, profissional e ético. A suas críticas e sugestões, assim como seu entusiasmo e apoio ao tema escolhido, que foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho, competência e dedicação que empregou durante todo o processo de realização deste trabalho. Muito obrigada.

Ao meu Co-orientador, Professor Dr. Bruno Tavares, pelo incentivo ao trabalho, pelos os ensinamentos no decorrer da pesquisa, que foram essenciais para meu crescimento como pesquisadora e pessoa. A suas críticas, sugestões, e dedicação que foram essenciais para a realização deste trabalho. Muito Obrigada.

Aos professores do curso de pós-graduação em Arqueologia, pelo apoio, as aulas, os conselhos, e o entusiasmo pela Arqueologia, aumentando assim o meu amor por essa ciência.

A Nelson, pelo seu apoio, suas conversas e pelo incentivos na hora certa.

A todas as pessoas que trabalham no Departamento de Arqueologia da UFPE, pelo profissionalismo e pela ajuda no decorrer do curso.

Aos meus colegas de classe, pelas conversas e ajuda nesses 2 anos de mestrado.

Às minhas amigas, Carolina, pela amizade, pelo apoio, pelas conversas estimulantes, e por nunca permitir que minha ansiedade atrapalhasse meu trabalho; Eduarda, pela sua amizade, apoio, conversas, brincadeiras, risos, choros e acima de tudo por sempre estar ao meu lado quando eu precisava; Juliana, pela amizade, conversas loucas, apoio, por sempre ouvir quando eu precisava e pelos risos histéricos; e a Cynthia pela amizade de anos que nunca mudou não importando a distância, por sempre está ao meu lado quando preciso.

A todos os meus amigos, pela amizade e cuidado.

Aos meus familiares, principalmente a minha mãe, Marinewce, e meu pai, José Antônio, pelo seu apoio quando eu escolhi essa profissão, pelo seu amor, pelo cuidado e por

sempre estarem ao meu lado não importando o que ocorresse; ao meu irmão, Junior, pelas brigas e conversas, pela amizade e pelo seu amor por mim; a minha Avó Haydeé, pelo seu amor por mim e que mesmo não estando mais presente sempre será uma constante na minha vida, e a minha Avó Liana, por apoiar a minha escolha mesmo achando uma loucura e por sempre me amar; a todas as minhas tias e tios, por me apoiarem e cuidarem de mim, aos meus primos e primas, por estarem sempre comigo, pelos anos de amizade, pelas conversas, viagens, por serem meus primos-irmãos.

Para todas as pessoas que de alguma forma ajudaram na construção deste trabalho e por todos que ajudaram na construção da minha vida acadêmica e profissional.

Muito Obrigada!!

RESUMO

A região Nordeste do Brasil detém atualmente uma importante concentração de sítios arqueológicos com registros rupestres. As análises arqueológicas desses vestígios vêm contribuindo para o conhecimento do cotidiano, das escolhas cenográficas e técnicas e do espaço adotado para esse tipo de prática e assim, fornecem dados para o conhecimento dos grupos humanos que habitaram essa região durante o período pré-histórico. O escopo dessa pesquisa, é o de analisar o contexto gráfico das figuras zoomorfas identificadas nos sítios arqueológicos situados nas microrregiões Vale do Ipanema, Vale do Ipojuca e Sertão do Moxotó. Essa pesquisa foi realizada a partir da identificação de grafismos zoomorfos, com o objetivo de observar similaridades e diferenças entre a cenografia e a técnica de execução desses animais. O método analítico adotado aqui partiu da análise das dimensões dos fenômenos gráficos: temática, cenográfica e técnica, foi utilizado também parâmetros de distribuição espacial. Como resultado da aplicação das variáveis estabelecidas na pesquisa foi possível observar a recorrências e padrões representativos de algumas espécies de animais e em contextos similares.

Palavras-chave: Registro rupestre. Zoomorfo. Tradição Nordeste. Tradição Agreste. Pernambuco.

ABSTARCT

The Northeast of Brazil has, nowadays, an important concentration of archaeological sites with rock art records. Archaeological analyses of these records have been contributing to a better understanding of daily life, technical and scenographic choices, and the space that has been chosen for this kind of practice; thereby, these analyses provide data about the human groups that used to inhabit this region during the prehistoric period. The purpose of this paper is to analyze the graphic context of the zoomorphic figures found in the archaeological sites located in the micro-regions of Vale do Ipanema, Vale do Ipojuca and Sertão do Moxotó. This study conducted the identification of zoomorphic representation, aiming to observe the similarities and the differences between the scenography and the technique of these animals. The analytic method used here came from the analysis of the dimensions of graphic phenomena: thematic, scenographic and technique; spacial distribution parameters were also utilized. As a result of the application of the study's established variables, it was possible to observe the recurrence and representative patterns from some animal species and in similar contexts.

Key-words: Rock art records. Zoomorph, Northeast Tradition. Agreste Tradition. Pernambuco.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Pintura rupestre classificada como Tradição Nordeste. Sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada – Serra da Capivara – PI.....	23
Figura 2 -	Grafismos da Tradição Agreste. Sítio Pedra Furada, Venturosa - PE.....	23
Quadro 1 -	Dimensões do fenômeno gráfico.....	27
Quadro 2 -	Variáveis da dimensão temática.....	28
Quadro 3 -	Variáveis da dimensão cenográfica.....	28
Quadro 4 -	Esquema do Atributos da Contexto Geomorfológico.....	30
Mapa 1 -	Mapa da Localização dos Sítios nas Microrregiões do Sertão do Moxotó, Vale do Ipanema e Vale do Ipojuca.....	32
Figura 3 -	Vista geral do Sítio Pedra da Lua.....	38
Mapa 2 -	Mapa de Hidrografia com posicionamento dos Sítios arqueológicos pesquisados.....	36
Figura 4 -	Réptil, Sítio Pedra da Lua. Editado pelo DStretch.....	39
Figura 5 -	Vista geral do Sítio Pedra da Bicuda.....	41
Figura 6 -	Cena de um bando de aves. Sítio Pedra da Bicuda. Editada pelo DStretch.....	41
Figura 7 -	Vista geral do Sítio Pedra do Letreiro do Tambor de Cima.....	40
Figura 8 -	Mamífero. Sítio Pedra do Letreiro do Tambor de Cima. Editado pelo DStretch.....	40
Figura 9 -	Vista geral do Sítio Pedra da Escritura.....	42
Figura 10 -	Réptil. Sítio Pedra da Escritura.....	43
Figura 11 -	Vista geral do Sítio Brejinho I.....	43
Figura 12 -	Réptil. Sítio Brejinho I. Editado pelo DStretch.....	44
Figura 13 -	Vista geral do Sítio Pedra do Meio V.....	45
Figura 14 -	Sítio Pedra do Meio V. Editado pelo DStretch.....	45
Figura 15 -	Vista geral do Sítio Alcobaça.....	46
Figura 16 -	Peixe. Sítio Alcobaça. Editada pelo DStretch.....	47

Figura 17 -	Vista geral do Sítio Caiana.....	47
Figura 18 -	Réptil. Sítio Caiana.....	48
Figura 19 -	Vista geral do Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande.....	49
Figura 20 -	Réptil. Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande.....	50
Figura 21 -	Vista geral do Sítio Loca da Cinza.....	51
Figura 22 -	Réptil. Sítio Loca da Cinza. Editado pelo autor.....	51
Figura 23 -	Vista geral do Sítio do Veado.....	52
Figura 24 -	Mamífero. Sítio do Veado.....	52
Figura 25 -	Vista geral do Sítio Pedra do Caboclo de Pedra.....	53
Figura 26 -	Sítio Pedra do Caboclo de Pedra.....	54
Figura 27 -	Vista geral do Sítio Prata I.....	54
Figura 28 -	Réptil. Sítio Prata I. Editado pelo DStretch.....	55
Figura 29 -	Vista geral do Sítio Prata II.....	56
Figura 30 -	Réptil. Sítio Prata II. Editado pelo DStretch.....	57
Figura 31 -	Vista geral do Sítio Loca dos Caboclos.....	58
Figura 32 -	Mamífero. Sítio Loca dos Caboclos. Editado pelo autor.....	59
Figura 33 -	Vista geral do Sítio Pedra do Donato.....	59
Figura 34 -	Réptil. Sítio Pedra do Donato. Editado pelo DStretch.....	60
Figura 35 -	Vista geral do Sítio Pedra Furada.....	61
Figura 36 -	Réptil. Sítio Pedra Furada. Editado pelo DStretch.....	61
Figura 37 -	Vista geral do Sítio Peri-Peri I.....	62
Figura 38 -	Réptil. Sítio Peri-Peri I. Editado pelo DStretch.....	62
Figura 39 -	Vista geral do Sítio Peri-Peri II.....	63
Figura 40 -	Cena com Mamíferos. Sítio Peri-Peri II.....	64
Figura 41 -	Vista geral do Sítio Serra Vermelha II.....	64
Figura 42 -	Réptil. Serra Vermelha II.....	65
Figura 43 -	Vista geral do Sítio Furna da Serra do Barreiro.....	66

Figura 44 -	Cena com Mamíferos. Sítio Furna da Serra do Barreiro.....	66
Figura 45 -	Vista geral do Sítios Furna dos Veados.....	67
Figura 46 -	Cena com Mamíferos. Sítio Furna dos Veados.....	67
Figura 47 -	Vista geral do Sítio da Ema.....	68
Figura 48 -	Mamífero. Sítio da Ema.....	69
Figura 49 -	Sítio Tauá II.....	70
Figura 50 -	Ave. Sítio Tauá II.....	71
Figura 51 -	Vista geral do Sítio Toca do Gato.....	71
Figura 52 -	Mamífero. Sítio Toca do Gato.....	72
Figura 53 -	Vista geral do Sítio Lagoa dos Patos.....	72
Figura 54 -	Mamífero. Sítio Lagoa dos Patos.....	73
Quadro 4 -	Representações de Zoomorfos.....	76
Quadro 5 -	Tipo de Composição.....	77
Quadro 6 -	Variável cor.....	79
Quadro 7 -	Tipo de animação.....	80
Quadro 8 -	Tipo de Preenchimento.....	82
Figura 55 -	Zoomorfo com sobreposição. Sítio Brejinho I. Editado pelo DStretch	83
Figura 56 -	Sítio Pedra do Donato. Editado DStretch.....	84
Figura 57 -	Zoomorfo com sobreposição. Sítio Brejinho I. Editado pelo DStretch	84
Mapa 3 -	Mapa da Hipsometria dos Sítios.....	86
Quadro 9 -	Representação das Tradições.....	94
Mapa 4 -	Mapa da Orientação das Encosta dos sítios arqueológicos.....	93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Relação quantidade de zoomorfos por sítio.....	75
Gráfico 2 -	Quantidade de Elementos de Identificação Primária.....	75
Gráfico 3 -	Quantidade de Elementos de identificação secundária.....	76
Gráfico 4 -	Quantidade de Tipos de Zoomorfo por Composição.....	77
Gráfico 5 -	Composição por Zoomorfo.....	78
Gráfico 6 -	Quantidade de Tipo de Zoomorfo por Cena.....	78
Gráfico 7 -	Quantidade de Zoomorfo por Cor.....	79
Gráfico 8 -	Quantidade de Zoomorfo por Animação.....	80
Gráfico 9 -	Quantidade de Tipo de Animação por Tipo de Zoomorfo.....	81
Gráfico 10 -	Quantidade de Tipo de Preenchimento.....	81
Gráfico 11 -	Quantidade de Tipo de Preenchimento por Tipo de Zoomorfo.....	82
Gráfico 12 -	Quantidade de Sobreposição.....	83
Gráfico 13 -	Quantidade de Sobreposição por tipo de zoomorfo.....	85
Gráfico 14 -	Distribuição dos zoomorfos pelas vertentes do relevo.....	87
Gráfico 15 -	Microrregião de Zoomorfo por classe.....	88
Gráfico 16 -	Tipo de Zoomorfo pela Vertente.....	88
Gráfico 17 -	Rios x Quantidade de Sítios.....	89
Gráfico 18 -	Orientação por Sítio.....	91
Gráfico 19 -	Zoomorfos com elementos característicos relacionados as Tradições Agreste e Nordeste.....	93
Gráfico 20 -	Quantidade de Tipo de Zoomorfo por tradição.....	93
Gráfico 21 -	Quantidade de Composição por Zoomorfo.....	94
Gráfico 22 -	Divisão de tradição por microrregião.....	95
Gráfico 23 -	Tipo de vertente por tradição.....	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sítios arqueológicos estudados.....	26
Tabela 2 - Localização dos municípios na microrregião.....	31
Tabela 3 - Distribuição dos sítios em relação aos rios e suas respectivas bacias hidrográficas.....	90
Tabela 4 - Quadro das características gerais apresentadas pelos zoomorfos nas microrregiões.....	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA.....	18
2.1	INTERPRETAÇÕES SOBRE O REGISTRO RUPESTRE.....	18
2.2	ESTUDOS SOBRE REGISTROS RUPESTRES NO BRASIL.....	20
2.2.1	Tradição Nordeste.....	22
2.2.2	Tradição Agreste.....	23
2.3	AS REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS.....	24
2.4	O MÉTODO.....	25
3	CONTEXTO AMBIENTAL.....	31
3.1	CONTEXTO GEOLÓGICO E GEOMORFOLÓGICO.....	32
3.1.1	Tucano-Jatobá.....	33
3.1.2	Borborema.....	33
3.1.3	Bacias Hidrográficas.....	34
3.1.4	Clima.....	36
4	CARACTERIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS.....	38
4.1	VALE DO IPOJUCA.....	38
4.1.1	Pedra da Lua.....	38
4.1.2	Pedra da Bicuda.....	39
4.1.3	Pedra do Letreiro do Tambor de Cima.....	40
4.1.4	Pedra da Escritura.....	42
4.1.5	Pedra da Escritura.....	43
4.1.6	Pedra do Meio V.....	44
4.2	VALE DO IPANEMA.....	45
4.2.1	Alcobaça.....	46
4.2.2	Caiana.....	47
4.2.3	Furna do Letreiro da Mina Grande.....	48
4.2.4	Loca da Cinza.....	50
4.2.5	Sítio do Veado.....	51
4.2.6	Pedra do Caboclo de Pedra.....	53
4.2.7	Prata I.....	54
4.2.8	Prata II.....	55

4.2.9	Loca dos Caboclos.....	57
4.2.10	Pedra do Donato.....	59
4.2.11	Pedra Furada.....	60
4.2.12	Peri-Peri I.....	62
4.2.13	Peri-Peri II.....	63
4.3	SERTÃO DO MOXOTÓ.....	64
4.3.1	Serra Vermelha II.....	64
4.3.2	Furna da Serra do Barreiro.....	65
4.3.3	Furna dos Veados.....	66
4.3.4	Sítio da Ema.....	68
4.3.5	Tauá II.....	69
4.3.6	Toca do Gato.....	71
4.3.7	Lagoa dos Patos.....	72
5	A ANÁLISE DOS ZOOMORFOS.....	74
5.1	DIMENSÃO TEMÁTICA.....	74
5.2	DIMENSÃO CENOGRÁFICA.....	76
5.3	CORRELAÇÕES DAS PINTURAS ZOOMÓRFICAS E AMBIÊNCIA.....	85
5.3.1	Análises do contexto regional.....	89
5.3.2	Bacia Hidrográfica.....	89
5.3.3	Orientação das Encostas.....	90
5.4	ANÁLISE A PARTIR DA TRADIÇÃO DE REGISTROS RUPESTRES.....	92
5.5	Correlações.....	95
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
	REFERÊNCIAS.....	99

1 INTRODUÇÃO

A Arqueologia Pré-Histórica brasileira assume importância para aprimorar os estudos sobre os diferenciados grupos culturais que habitaram o Brasil no passado pré-histórico. Assim as interpretações e as definições relativas a estes grupos culturais só serão possíveis mediante um levantamento arqueológico, empregando os elementos da cultura material como fontes da presente pesquisa.

Este trabalho é uma proposta para olhar, a produção cultural do passado pré-histórico. E versa sobre o tema dos registros rupestres, mas especificamente das representações zoomórficas, tentando identificar e criar uma correlação entre esses zoomorfos e os contextos em que eles estão inseridos.

Várias são as propostas interpretativas para os registros rupestres, entre elas a arte pela arte; o totemismo; a magia; as técnicas estruturalistas; e o meio de comunicação. Dentro desse viés interpretativo temos alguns conceitos que vêm sendo trabalhados pela arqueologia brasileira, a fim de montar um quadro analítico e interpretativo sobre os registros rupestres no Brasil.

A região onde se encontra assentado os sítios escolhidos para esse trabalho contém uma concentração de sítios arqueológicos pré-históricos, com agrupamento substancial de registros rupestres; a presença desses grafismos a torna uma área importante para os estudos gráficos, frente ao seu caráter de marco-testemunho da ocupação por grupos humanos pré-históricos.

O Trabalho tem como objetivo geral identificar as similaridades e diferenças entre as representações de zoomorfos nos sítios das microrregiões Vale do Ipanema, Vale do Ipojuca e Sertão do Moxotó, e estudar caracterizar as cenas que contenham zoomorfos para assim poder entender como os animais eram representados entre os grupos pré-históricos que ali habitavam.

Partimos da seguinte problemática: Existe algum padrão gráfico na distribuição das representações zoomórficas nos sítios arqueológicos de Pernambuco?

Toma-se como hipótese para esse problema a existência de mais de um padrão gráfico para dentro área das microrregiões.

A área delimitada para responder a problemática foi composta por vinte e seis (26) sítios localizados nas Microrregião Vale do Ipojuca, Vale do Ipanema e Sertão do Moxotó. A

metodologia de pesquisa utilizada correspondeu à coleta de dados imagéticas do acervo do Laboratório de Registros Rupestres, localizado no Departamento de Arqueologia. A coleta de dados foi orientada por um protocolo, previamente elaborado com as variáveis propostas para a pesquisa a partir das dimensões temáticas e cenográficas (Pessis, 2012). Quando necessário, foi realizado o tratamento de imagem utilizando *softwares* disponíveis para acentuar e realçar as imagens para se ter uma completa visualização dos elementos a serem trabalhados.

No capítulo II foi trabalhada uma síntese da historiografia do registro rupestre primeiramente no mundo e depois no Brasil, apresentado o estado d'arte das pesquisas sobre registros rupestres. Na segunda parte desse capítulo, foram trabalhados os problemas e a metodologia que concernem a presente pesquisa.

O capítulo III versa sobre a localização dos sítios estudados neste trabalho, descrição dos contextos ambientais, que incluem as bacias hidrográficas, o clima e o contexto geomorfológico e geológico.

No capítulo IV, foi tratado a descrição dos 26 sítios escolhidos para ser a área de estudo desta dissertação. Nesta descrição inclui as coordenadas e características em gerais dos sítios, além da descrição sobre os registros rupestres dos sítios.

O último capítulo é onde se aporta a análise dos sítios e discussão dos dados e resultados.

1 ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA

Neste capítulo foi abordada a partir histórica-metodológica do trabalho, começando pelas interpretações sobre os registros rupestres.

2.1 INTERPRETAÇÕES SOBRE O REGISTRO RUPESTRE

A definição de registro rupestre é resumidamente todo e qualquer registro da atividade humana pré-histórica que foi pintado ou gravado em uma superfície, rochosa, com a realização de técnicas específicas a sua fixação.

O termo ‘registro rupestre’, definição que tenta substituir entre os arqueólogos a consagrada expressão ‘arte rupestre’, pretende liberar da conotação puramente estética algo que, seguramente, é a primeira manifestação gráfica do homem, ao menos em grandes áreas geográficas onde a arte móvel em pedra e osso não aparece anteriormente às gravuras e pinturas rupestres.” (MARTIN, 2008, p. 239).

As primeiras menções sobre o registro rupestre foram registradas em 1575, quando F. Belleforst lançou a sua obra *Cosmogonie Universelle*, na qual o autor fazia a referência de uma grande caverna francesa denominada de Roufignac, essa caverna apresenta três categorias temáticas diferenciadas: as figuras zoomórficas, as antropomórficas e os sinais abstratos. As primeiras, largamente maioritárias, integram um conjunto diversificado de espécies: mamute, bisonte, cavalo, cabra selvagem, rinoceronte lanudo e urso. Entre as representações antropomórficas a temática corresponde tanto a representações faciais e quanto a figuras de corpo inteiro (Cisneiros, 2008).

Porém, apenas em 1868, com a publicação do livro *Antigüidades préhistóricas de Andalucía* de M. Góngora y Martínez, no qual o autor descreve a descoberta da *Cueva de los Letreros* localizada em Almería, Espanha, é que o registro rupestre foi associado aos povos antigos, embora não especifique essa antiguidade. Nesta caverna os motivos gráficos principais eram as figuras de animais, principalmente cervos e cabras. Essa descoberta foi considerada um marco fundamental para a historiografia do registro rupestre.

Em 1880, M. Sautuola publicou os achados arqueológicos da Caverna de Altamira em conjunto com os registros rupestres, e então atribuiu esses achados ao período Paleolítico. Apesar de sua análise lúcida, seus contemporâneos não foram capazes de admitir a sua abordagem para esses registros por causa de divergências das ideias sobre capacidades cognitivas técnicas do homem no Pleistocênico. Somente em 1902, no *Congresso da Association Française pour l'avancement des sciences*, que o historiador pré-histórico francês

E. Cartailhac junto com outros arqueólogos, reconheceu a autenticidade da Caverna de Altamira (Pascua, 1998).

Entre os anos de 1909 e 1914 houve um impulso na investigação do registro rupestre. Esse século foi marcado por muitas descobertas de sítios arqueológicos com registros rupestres, uma delas foi a Caverna de *Lascaux*, em 1940. Dentro da pintura rupestre do período Paleolítico é comum a evidência de grandes figuras zoomórficas, sendo alguma delas os cavalos, bisontes, cervos e mamutes.

Ao realizar o levantamento historiográfico dos registros rupestres, observa-se que se trata de uma linha de pesquisa bastante jovem, que vem se firmando desde o início do século XX, com várias propostas interpretativas.

As imagens rupestres tiveram variadas interpretações desde a sua abordagem científica em fins do século XIX e início do século XX, entre essas propostas interpretativas estão: a arte por arte; o totemismo; a magia; a estruturalista; e o meio de comunicação.

A arte por arte foi uma das primeiras propostas interpretativas sobre arte rupestre. Proposta por E. Larte, H. Christy e E. Piette (GUTIERREZ, 2012), considerava-se que a arte rupestre não tinha outro objetivo que a decoração de objetos e como um modo de prazer. Para esses autores, a arte rupestre era simplesmente um desejo e representar cenas cotidianas em resultado ao ócio e ao tempo livre no período do inverno.

Outra proposta interpretativa é o totemismo que surgiu a partir da influência da Etnologia comparativa das obras *La Rama Dorada* de J.G Frazer e *Cultura Primitiva* de E. B. Tylor (GUTIERREZ, 2012). O totemismo tem como ideia e prática principal a ideia que existe um “parentesco” místico entre os seres humanos e a natureza (LIDÓRIO, 2012 *apud* OLIVEIRA,2013). Nesta ideia, existe uma estreita relação entre grupos humanos com uma espécie específica de animal ou planta, que seria considerado como um totem deste grupo. E este totem estaria representado no grafismo rupestre.

A magia é uma proposta de interpretação que também surgiu da etnografia comparada e foi desenvolvida por Reinach em 1903 (GUTIERREZ, 2012). Nessa proposta, cada registro rupestre é uma atividade mágica que tem como propósito, por exemplo, a caça de certos animais, ou a destruição de animais perigosos para o grupo, ou ainda a fertilização. Para o autor, os registros rupestres representam rituais em que os seres humanos tentavam controlar o meio em que habitavam. Durkheim, em 1912, desenvolveu um estudo em que essa proposta interpretativa tratava da relação entre o homem e o seu entorno e os grafismos eram um meio

pelo qual o ser humano poderia controlar e/ou influenciar a caça. Para H. Breuil (1952), e R. Beogouen (1958), essa proposta demonstravam um caráter religioso, uma arte cerimonial. O local onde eram realizados os grafismos poderia ser considerado como um santuário para a realização de rituais (GUTIERREZ, 2012).

A utilização das teorias estruturalistas, desenvolvidas por A. Leroi-Gourhman e A. Laming-Emperaire (GUTIERREZ, 2012) orientaram para outro viés interpretativo os registros rupestres. Esta teoria envolvia o uso da matemática para criar um catálogo sistemático das representações, que era associado à sua valorização e em que parte da caverna se está localizado o registro rupestre. E também versa sobre o contexto, a organização social, os marcadores étnicos e o caráter religioso relacionando-a com o registro rupestre para assim tentar entender a valorização da caverna.

Outra proposta de interpretação é que os registros rupestres são um meio de comunicação, um marcador de memória. Essa proposta foi trabalhada inicialmente por P. Ucko e A. Rosenfeld (1967) e completada por G. Sauvet em 1977 e 1988 (GUTIERREZ, 2012). E como o nome já diz, essa ideia consiste que os registros rupestres são um meio de comunicação utilizado pelos seres humanos naquele período como marcadores de memória, com motivações variadas, entre elas: economia, social e religião, essa abordagem apresenta também o contexto ambiental como variável de suma importância para compreender a motivação.

Todas essas interpretações ainda são consideradas hoje, por autores de diversas posturas teóricas e interpretativas. É necessário, porém, considerar os registros rupestres como elementos de estudos arqueológicos e antes de elaborar interpretações sobre o que são, é necessário tentar entender melhor o grafismo estudado integrando-o ao contexto arqueológico e ambiental da área.

2.2 ESTUDOS SOBRE REGISTROS RUPESTRES NO BRASIL

No século XX, existia um grande interesse sobre as manifestações gráficas dos grupos da pré-história na Europa, mas no mesmo período ainda era pouco o conhecimento sobre o período pré-histórico das Américas. Por isso, vários sítios com os registros rupestres tinham como interpretação algumas teorias fantasiosas sobre os autores desses grafismos.

Os estudos mais sistemáticos sobre os grafismos rupestre no Brasil foram realizados a partir da metade do século XX, com os programas: o Pronapa (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), o Pronapaba (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da

Bacia Amazônica) e o Propa (Programa de Pesquisa Paleoindígenas). A partir desses programas que foram pautados os conceitos de tradição, subtradição e fase (Cisneiros, 2008).

Um dos primeiros pesquisadores a utilizar o termo tradição relacionado ao registro rupestre foi V. Calderón, nos anos de 1970, na Bahia (Cisneiros, 2008). Para Calderón, a palavra Tradição seria definida como:

o conjunto de características que se refletem em diferentes sítios associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes, que transmitem e difundiam gradualmente modificadores através do tempo e do espaço. (MARTIN, 2008, apud CALDERÓN, 1970, p. 234).

A partir desta definição, Calderón determinou duas tradições: a tradição Naturalista e a tradição Simbolista.

A tradição Naturalista foi estudada inicialmente no norte da Chapada Diamantina, e se caracteriza em reproduzir figuras reconhecíveis, no caso figuras antropomórficas ou zoomórficas com grande exatidão, permitindo assim identificar com facilidade as ações realizadas e o caráter dinâmico destes registros.

A tradição Simbolista é caracterizada por grafismos geométricos ou figurativos, normalmente são motivos isolados sem uma correlação aparente entre eles. Existe uma grande variedade de forma podendo ser simples círculos ou espirais, assim como complicados desenhos lineares altamente elaborados.

Com a Missão Franco-Brasileira, na década de 1970, existe a criação de um novo método de análise dos registros rupestres, que foram estruturados nos postulados teórico-metodológicos estruturalistas trabalhados por A. Laming-Emperaire (1961) e A. Leroi-Gourhn (1968).

Para A. Prous, em 1992, a Tradição é a categoria mais abrangente de descrição do registro rupestre, ela é definida como sendo a permanência de certos traços distintos, sendo eles geralmente temáticos.

No livro Pré-História do Nordeste do Brasil, G. Martin (1998) determina tradição como:

O conceito de tradição compreende a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente, as pinturas de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar

separados por cronologias muito distantes (MARTIN, 1998, p. 234).

Dentro das tradições existem subdivisões, sendo elas: a subtradição e o estilo. A subtradição foi definida como uma tradição adaptada para um meio geográfico e ecológico diferente do original, que implica na presença de novos elementos complementando a subtradição (MARTIN, 2008). Para Pessis e Guidon, em 1992, com estilo é uma classe mais particular resultante da evolução de uma subtradição, segundo as variações da técnica e da apresentação gráfica (MARTIN, 2008).

Baseados nos postulados sobre registros rupestres, alguns trabalhos (AGUIAR, 1982; GUIDON, 1989; PESSIS, 1984, 1989; MARTIN, 1989; PROUS, 1992) em áreas arqueológicas do Nordeste do Brasil, elaboraram elementos caracterizadores que distinguem grafismos em Tradições, entre elas: Tradição Nordeste, Tradição Agreste e Tradição São Francisco.

- A tradição São Francisco é caracterizada predominantemente por grafismos abstratos ou geométricos que sobrepujam em grande quantidade os zoomorfos e os antropomorfos. Os zoomorfos aparecem em pequena quantidade e quando aparecem são em forma de pássaros, peixes, cobras, sáurios e talvez tartarugas (PROUS, 1992).
- A Tradição Agreste é caracterizada pelos grafismos de grande porte, geralmente isolados, sem formar cenas, quando essas aparecem em geral contém poucos antropomorfos ou zoomorfos. (MARTIN, 2008).
- A Tradição Nordeste é uma tradição caracterizada pela presença concomitante de zoomorfos e antropomorfos, além da presença de dinamismo e de cenas reconhecíveis.

Abaixo descreveremos mais detalhadamente as duas tradições com representações no contexto da área estudada nessa pesquisa: Tradições Nordeste e Agreste.

2.2.1. Tradição Nordeste

Para Pessis (1992), a Tradição Nordeste é representada predominantemente por grafismos reconhecíveis, figuras humanas, zoomorfos, fitomorfos e objetos, e os grafismos puros. Esses grafismos muitas vezes estão dispostos de modo a representar ações normalmente reconhecíveis.

É caracterizada também pela presença de uma grande variedade de temas e uma riqueza de enfeite e atributos. Existe um equilíbrio quantitativo na representação de grafismo antropomorfo e zoomorfo, e esses grafismos na maioria das vezes demonstram movimento.

Existe uma expressividade de cenas reconhecidas, tais como, cenas de caça, de luta, de dança e de sexo, além de também mostrar cenas de caráter hermético (Figura 1)..

A Tradição Nordeste é o conjunto representação rupestre mais antigo do Brasil, sua cronologia relativa aponta para 12.000 e 6.000 anos B.P.

Figura 1: Pintura rupestre classificada como Tradição Nordeste. Sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada – Serra da Capivara – PI.



Fonte: Cisneiros (2008).

2.2.2. Tradição Agreste

A Tradição Agreste é caracterizada pelos grafismos de grande porte, predominantemente estáticas e isolados, as cenas são raras, e quando essas aparecem, em geral, contém poucos antropomorfos ou zoomorfos. Coexistem grafismos reconhecíveis e grafismos puros em um mesmo espaço. As figuras zoomórficas e antropomorfas são representadas com poucos detalhes qualificativos (Figura 2).

Figura 2: Grafismos da Tradição Agreste. Sítio Pedra Furada, Venturosa - PE.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

2.3 AS REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS

Carl Jung, no livro *Man and His Symbols*, afirmou que o tema animal costuma operar como um símbolo para a natureza primitiva e instintiva do homem, e demonstra vários contextos em que os animais são representados como deuses, com por exemplo o deus Hindu Ganesha, que tem a cabeça de um elefante, os deuses egípcios Hathor que tem a cabeça de vaca e Amon com cabeça de carneiro; ou em contextos onde os animais são símbolos sagrados como, por exemplo, os símbolos sagrados como o peixe ou cordeiro que está referindo-se a Jesus no cristianismo.

Da mesma maneira que outro pesquisador, DeMello, em 2012, ressalta que os animais eram vistos em várias culturas antigas e tradicionais como seres muito próximos aos seres humanos, e que dessa forma existia um sentido para eles serem incorporados na idiossincrasia humana.

Malamud (2011) lembra que boa parte dos animais famosos em nossa cultura são caricaturas fictícias. Como personagens de quadrinhos ou desenhos animados, eles falam, andam em duas pernas, e protagonizam cenas visivelmente humanas. A ideia é que eles sejam considerados, de alguma forma, humanos, atuando em uma humanidade natural e vestida, mas, sendo animais, tal atuação não se completa. Malamud (2011) explica que esses personagens são moldados conforme as expectativas e fantasias de seu público. A figura animal e o linguajar (não o deles, mas um linguajar em comum para facilitar a comunicação deles com o público) tornam o personagem paralelamente diferente e igual ao seu público, conferindo identificação e ao mesmo tempo uma distância que o distingue.

Dentro do estudo do registro rupestre existem várias pesquisas sobre os animais, (VALLVERDÚ,2009; DOBREZ, e DOBREZ, 2014, e SILVA,2003). Vallverdú (2009), examina uma série de pinturas rupestres de cervídeos em La Cueva Pintada, caverna localizada na península de Baja Califórnia (México) e pertencentes à tradição do Archaic, no qual existe figuras rupestre de grupos de caçadores-coletores-pescadores. Eles habitavam o território do deserto centro peninsular do início do arcaico. O autor descreve as características morfológicas desses animais, e depois caracteriza as composições em que estão envolvidos os animais, a fim de investigar o papel desempenhado por estes. Entre a fauna de Cueva Pintada, pequenos animais ou "filhotes" são o que predominam numericamente na rocha em conjunto, no entanto são veados machos (figuras maiores) que impõem o seu papel; estes aparecem de uma localização proeminente e presidindo composições pictóricas que são entrelaçadas com

figuras humanas, animais mamíferos, aves e peixes, ou seja, com elementos simbólicos da terra, céu e mar.

Dobrez e Dobrez (2014), apresenta uma modalidade perceptual particular na forma de se ver os registros rupestres, tanto humanas quanto animal, essa modalidade envolve simples reconhecimento e é distinguível do reconhecimento dessas figuras em outros contextos tal modalidade seria priorizada pela evolução e dependeria de elementos de uma figura e / ou de percepção que tornassem a identificação preliminar fácil e rápida, por exemplo, visões típicas ou dominantes, características salientes, invariantes visuais dos animais.

Silva (2003), trata sobre os zoomorfos na área do Seridó (RN-PB) do Brasil. Em sua dissertação propõe confirmar a filiação da subtradição Seridó à Tradição Nordeste de pinturas rupestres por meio da análise dos temas zoomórficos de longa duração traduzidos nas temáticas dominantes, nas técnicas e nas formas de apresentação gráficas semelhantes à subtradição Várzea Grande, bem como identificar as novas opções dentro da temática zoomórfica que diferencia a subtradição Seridó enquanto variante regional da Tradição Nordeste, formando um perfil gráfico zoomórfico preliminar da subtradição Seridó.

Souza (2016) analisou as representações zoomórficas pintadas, entendendo-as como uma forma de comunicação social e considerando-as marco-testemunhos da ocupação do homem pré-histórico, e utilizando na sua análise o conceito de paisagem, assim analisando sua localização em relação em escalas macro, micro e meso. Assim, buscou-se caracterizar as representações zoomórficas em função da sua inserção no espaço e da sua relação com a paisagem; assim, percebeu-se que as unidades pictóricas expressaram características particulares na região, revelando padrões na distribuição da paisagem do Parque Nacional do Catimbau.

Dentro deste trabalho o estudo dos registro rupestre estará relacionado com as representações zoomórficas, tanto de forma isolado como agrupada em cenas, e relacionar essas representações zoomórficas com a paisagem ao redor dos sítios estudados.

2.4. O MÉTODO

A presente pesquisa está direcionada à identificação das possíveis formas de representar os zoomorfos nas pinturas rupestres. Com isso, pretendeu-se identificar imagneticamente os sítios que possuem esse tipo de representações gráficas nas microrregiões pernambucana do Vale do Ipanema, Vale do Ipojuca e Sertão do Moxotó. Foram identificados para estudo vinte e seis (26) sítios arqueológicos (Tabela 1).

A identificação imagética partiu da pesquisa no acervo do Projeto Caracterização dos grafismos rupestres no Estado de Pernambuco, coordenado pela pesquisadora Anne-Marie Pessis e financiado pela Facepe (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco). O acervo imagético e documental dessa pesquisa encontra-se disponível no Laboratório de Registros Rupestres do Departamento de Arqueologia da UFPE.

Tabela 1: Sítios arqueológicos estudados

Sítio	Cidade	Microrregião
Pedra da Lua	Brejo da Madre de Deus	Vale do Ipojuca
Pedra da Bicuda	Brejo da Madre de Deus	Vale do Ipojuca
Pedra do Letreiro do Tambor de Cima	Brejo da Madre de Deus	Vale do Ipojuca
Pedra da Escritura	Belo Jardim	Vale do Ipojuca
Brejinho I	Caruaru	Vale do Ipojuca
Pedra do Meio V	Jataúba	Vale do Ipojuca
Alcobaça	Buíque	Vale do Ipanema
Caiana	Buíque	Vale do Ipanema
Furna do Letreiro da Mina Grande	Buíque	Vale do Ipanema
Loca da Cinza	Buíque	Vale do Ipanema
Veado	Buíque	Vale do Ipanema
Pedra do Caboclo de Pedra	Pedra	Vale do Ipanema
Prata I	Pedra	Vale do Ipanema
Prata II	Pedra	Vale do Ipanema
Loca dos Caboclos	Tupanatinga	Vale do Ipanema
Pedra do Donato	Venturosa	Vale do Ipanema
Pedra Furada	Venturosa	Vale do Ipanema
Peri-Peri I	Venturosa	Vale do Ipanema
Peri-Peri II	Venturosa	Vale do Ipanema
Serra Vermelha II	Custódia	Sertão do Moxotó
Furna da Serra do Barreiro	Ibimirim	Sertão do Moxotó
Furna dos Veados	Ibimirim	Sertão do Moxotó
Ema	Ibimirim	Sertão do Moxotó
Tauá II	Ibimirim	Sertão do Moxotó
Toca do Gato	Ibimirim	Sertão do Moxotó
Lagoa dos Patos	Sertânia	Sertão do Moxotó

Fonte: a autora

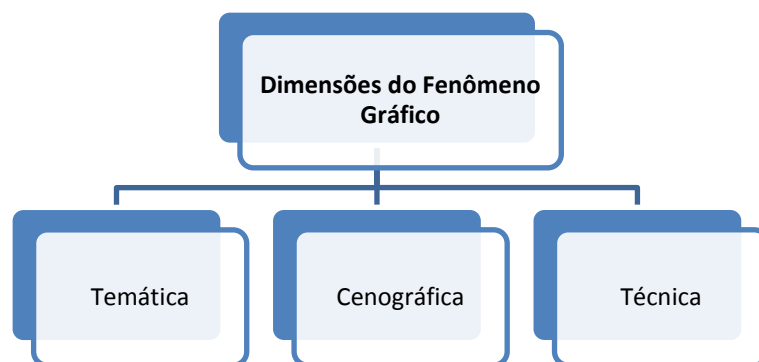
Após a delimitação dos sítios, foi realizado o estabelecimento das variáveis, que foram aplicadas na pesquisa. O estabelecimento do protocolo de campo visou sistematizar os dados para as devidas descrições dos sítios, do seu posicionamento no espaço e a disposição do conjunto gráfico dos zoomorfos nos paredões rochosos. Salientando o arranjo das cenas em relação ao sítio, para que pudessem ser identificados os possíveis padrões com similaridades nas representações gráficas.

Após o reconhecimento imagético dos sítios e o estabelecimento dos protocolos de dados foram realizadas prospecções direcionadas na área com o objetivo de coletar os dados brutos para a análise gráfica. Com a segregação das cenas e elaboração do banco de dados feitos, foi realizada uma análise da identificação dos perfis gráficos de todos os grafismos trabalhados, que posteriormente foram comparados e verificados as possíveis semelhanças que nos fornece um suporte para questionamento realizado.

A pesquisa será desenvolvida no âmbito comparativo dos conjuntos gráficos e a partir da definição das similaridades, serão identificados os possíveis padrões existentes nas pinturas com zoomorfos.

Os dispositivos de análises estabelecidos nas manifestações gráficas pré-históricas foram estabelecidos a partir da proposta de Pessis (1992), que define como dimensões do fenômeno gráfico: a dimensão temática, que trata a respeito dos elementos cognitivos necessários para o reconhecimento gráfico; a dimensão técnica, que mostra os aspectos da execução das técnicas dos grafismos; e por último a dimensão cenográfica, que refere-se às formas de apresentação gráfica das escolhas temáticas (Quadro 1).

Quadro 1: Dimensões do fenômeno gráfico



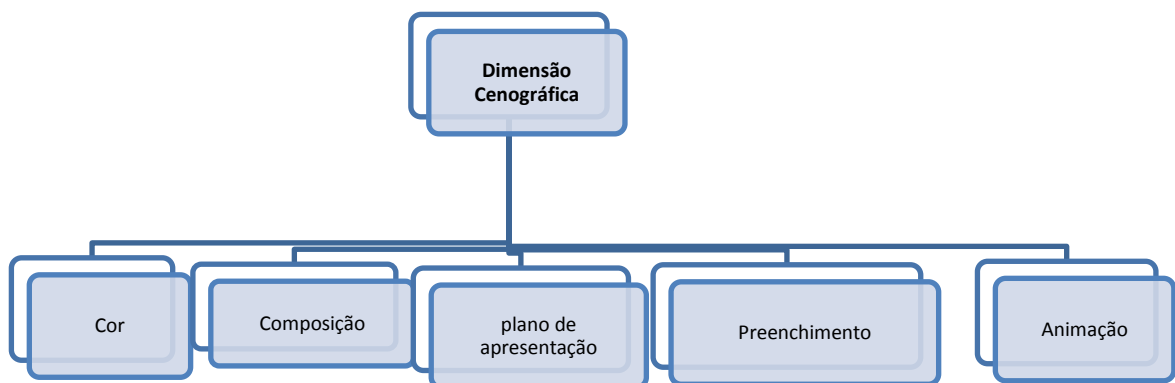
Fonte: a autora

A dimensão temática é a dimensão que permite o reconhecimento da figura, esse reconhecimento é feito pelos traços de identificação essenciais que permitem associar os grafismos à forma humana, animal ou vegetal no mundo natural. O foco principal da pesquisa são as figuras reconhecíveis de zoomorfos e o reconhecimento cognitivo desses (Quadro 2).

Quadro 2: Variáveis da dimensão temática

Fonte: a autora.

Dentro da dimensão cenográfica são localizadas as variáveis principais utilizadas nessa pesquisa (Quadro 3).

Quadro 3: Variáveis da dimensão cenográfica.

Fonte: a autora.

- Na variável cor, será considerada a cor de cada zoomorfo, para assim tentar identificar variações de cores entre esses. Será realizado a partir da observação dos matizes utilizados de monocromia ou bicromia e a parte da estrutura da figura a que correspondia o matiz
- Na composição, será analisado se o zoomorfo está estruturado de forma isolada ou em conjunto.
- Na variável plano de apresentação, buscará identificar o plano gráfico de representação do zoomorfo, se frontal, lateral ou de topo.
- No preenchimento, foi considerado o tipo de preenchimento que existe no zoomorfo.
- Na animação, buscou identificar a gestualidade definida em cada zoomorfo no interior da cena ou composição apresentada, a partir da identificação do tipo de animação representada pelo zoomorfo.

Outro aspecto que foi analisado na presente pesquisa é a sobreposição. Essa variável é de suma importância para analisamos o momento gráfico dos grafismos e termos com isso um posicionamento temporal, apesar de relativo, pois não podemos identificar a dimensão temporal entre uma figura e outra, mas podemos com essa variável, dizer ao menos qual grafismos foi executado primeiro e qual veio a seguir.

Durante a análise das representações zoomórfica foi utilizado o programa *DStretch*, que foi utilizado na imagens dos registros rupestre para assim poder melhor visualizar alguns dos zoomorfos representados nos sítios arqueológicos.

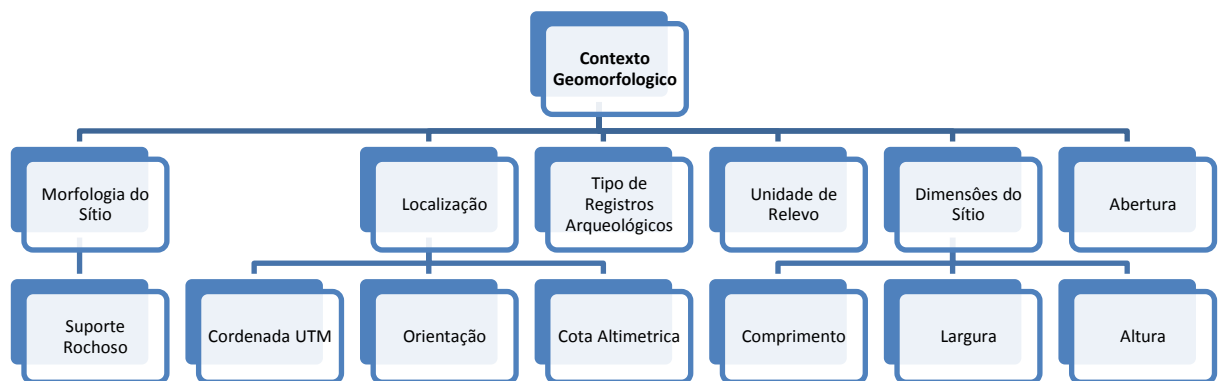
A proposta metodológica apresentada visa responder à problemática e aos objetivos do projeto buscando padrões morfológico nos zoomorfos de mesma classe nas microrregiões pernambucana do Vale do Ipanema, Vale do Ipojuca e Sertão do Moxotó.

Para Hodder (1994) o conhecimento sobre o contexto arqueológico de um artefato nos oferece a chave do seu significado, de modo que a interpretação do significado está associada à interpretação do contexto.

Então os padrões de configuração da paisagem, da relação habitacional e das e atividades-limites do sítio podem ser obtidos com o exame de diversas variáveis aplicadas aos múltiplos sítios arqueológicos de uma área topograficamente definida. Podendo assim buscar de padrões de sítios e correlações entre os elementos paisagísticos e os vestígios arqueológicos, como os registros rupestres. (Hodder, 1994: p. 92)

Assim, relacionamos variáveis, num arranjo não-classificatório, que buscam a relação entre os registos arqueológicos e as características morfológicas dos sítios arqueológicos (Quadro 4).

Quadro 4: Esquema dos Atributos da Contexto Geomorfológico



Fonte: a autora

- Morfologia do Sítio – classifica o sítio por tipo, de acordo com sua morfologia; e identifica a rocha suporte.
- Localização – localiza espacialmente o sítio nas coordenadas de UTM, como também a orientação das manchas gráficas e a cota altimétrica do sítio, em relação ao nível do mar.
- Tipos de Registos Arqueológicos – identifica os tipos de registos arqueológicos encontrados no interior do sítio.
- Unidade de Relevo – identifica a morfo-estrutura na qual o sítio arqueológico está inserido;
- Dimensões do Sítio – toma as dimensões do sítio: comprimento, altura e largura.
- Abertura – identifica o ponto cardinal para o qual a aberturado sítio está voltada.

3 CONTEXTO AMBIENTAL

Os sítios arqueológicos estudados nesse trabalho estão inseridos nas microrregiões Vale do Ipanema, Vale do Ipojuca e Sertão do Moxotó. Essas microrregiões estão localizadas dentro do estado de Pernambuco. A região estudada neste trabalho se localiza no Agreste e no Sertão Pernambucano. O nosso estudo restringe-se, municípios de Belo Jardim, Brejo da Madre de Deus, Caruaru, Jataúba, Buíque, Pedra, Tupanatinga, Venturosa, Custódia, Ibirimir e Sertânia (Tabela 2) (Mapa 1).

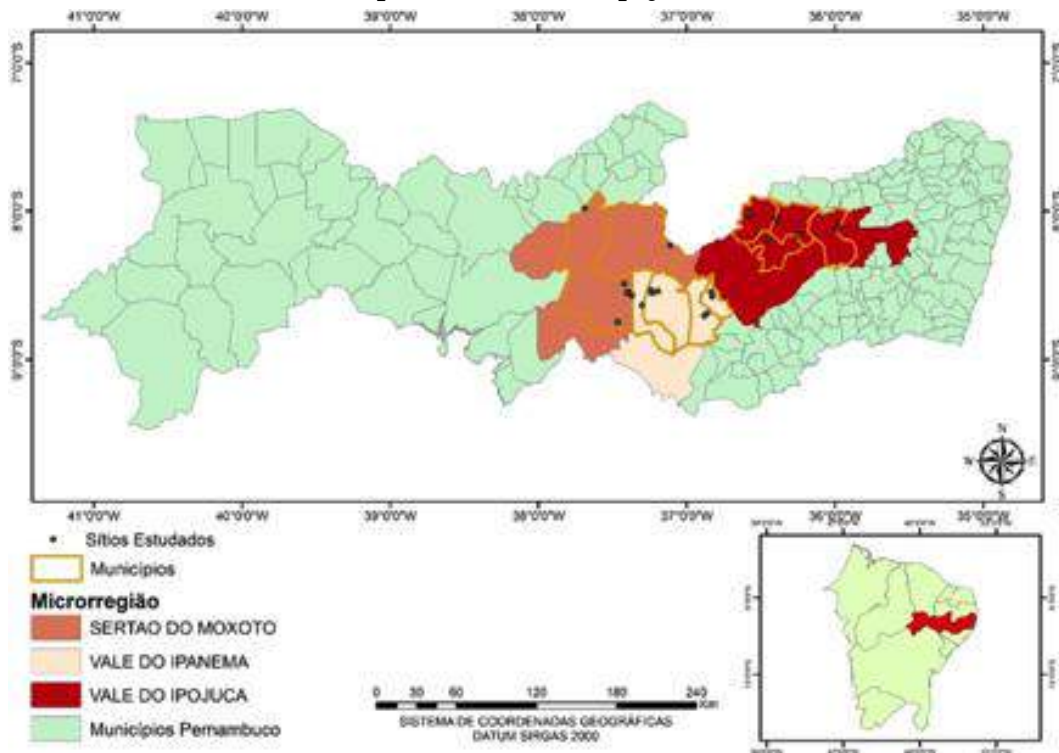
Tabela 2: Localização dos municípios na microrregião

Microrregião Pernambucana	Município
Vale do Ipojuca	Belo Jardim
Vale do Ipojuca	Brejo da Madre de Deus
Vale do Ipojuca	Caruaru
Vale do Ipojuca	Jataúba
Vale do Ipanema	Buíque
Vale do Ipanema	Pedra
Vale do Ipanema	Tupanatinga
Vale do Ipanema	Venturosa
Sertão do Moxotó	Custódia
Sertão do Moxotó	Ibirimir
Sertão do Moxotó	Sertânia

Fonte: a autora

A área do Agreste Pernambucano, por ser uma região de transição, possui características climáticas de caráter intermediário entre o Tropical úmido e o semiárido. No que se refere aos quadros relativos ao solo, hidrográficos, florísticos e ecológicos, as variáveis climáticas, influenciadas pela geomorfologia da região, condicionam os aspectos da paisagem regionais, constituindo diversas subáreas com características peculiares dentro da macro área caracterizada Agreste (MELO, 1980). As várias subáreas viventes no espaço do Agreste devido, sobretudo, os diferentes atributos morfoclimáticas permitem pluralizar o termo, o que faz com que muitos pesquisadores se remetam a esta área como Agrestes Pernambucanos.

Mapa 1: Mapa da Localização dos Sítios nas Microrregiões do Sertão do Moxotó, Vale do Ipanema e Vale do Ipojuca.



Fonte: TAVARES, Bruno (2018)

O Sertão pernambucano é um local que sofre com a grande estiagem, fator característico do baixo índice pluviométrico, as médias pluviométricas anuais variam entre 500 mm e 800mm. O clima predominante é semiárido com temperaturas elevadas o ano todo e chuvas irregulares. O relevo da região do sertão é variado com planaltos, chapadas e serras. A vegetação é marcada pelo bioma da caatinga, que inclui uma vegetação rasteira, arbustos espinhentos e árvores de pequeno porte e troncos retorcidos. O relevo do semiárido abrange os setores elevados do Planalto da Borborema, Planalto Sedimentar do Tucano-Jatobá e os setores rebaixados da Depressão Sertaneja, este último apresentando inselbergues e linhas de cristas como setores mais elevados no contexto da depressão.

3.1 CONTEXTO GEOLÓGICO E GEOMORFOLÓGICO

O contexto geológico da área de estudo está atrelado aos domínios da Província Borborema, esta, de idade Pré-Cambriana com o seu desenvolvimento vinculado ao ciclo orogenético Brasileiro. A província Borborema responde por todo o arcabouço geológico cristalino da área. Sobre o embasamento Pré-Cambriano temos as coberturas fanerozóicas, como a Bacia Sedimentar do Tucano-Jatobá que apresenta uma gênese atrelada desde os eventos de rift do Paleozóico até a abertura do Atlântico no Cretáceo.

3.1.1. Tucano-Jatobá

A bacia sedimentar do Jatobá é um prolongamento da Bacia do Tucano e está localizada na área centro-sul de Pernambuco, entre o rio São Francisco e o município de Arcoverde. É composta pelas Formações Tacaratu, dividida por arenitos conglomerativos de idade do Siluro-Devoniano e pela Formação Inajá, constituída por arenitos finos, siltitos e folhelhos, de idade do Devoniano (LINS, 1989)

O Planalto Sedimentar da Bacia do Jatobá está assentado em rochas da Bacia Sedimentar do Jatobá, que juntamente com as bacias do Recôncavo e Tucano formam um grande rift, feição estrutural eocretácea abortada da megafratura que originou o Atlântico Sul. E está localizada na área centro-sul de Pernambuco, entre o rio São Francisco e o município de Arcoverde.

Estas bacias foram implantadas sobre zonas de fraquezas antigas do embasamento cristalino que foram decisivas no estabelecimento do padrão estrutural desta fossa. Estão posicionadas em uma direção geral Norte-Sul, com cerca de 450 km de comprimento e 100 km de largura máxima, e seu extremo norte tem uma deflexão Sudoeste-Nordeste, com mais de 150 km que constitui a fossa Jatobá (MILANI, 1985).

A mudança no sentido de abertura do *rifte*, que passa de Sul-Norte, no Tucano Norte, para Sudoeste-Nordeste, na Bacia do Jatobá é condicionada pela Zona de Cisalhamento Pernambuco, cuja reativação durante o Eocretácio deu origem à Falha de Ibimirim, limite norte da Bacia de Jatobá (SANTOS et al. 1990; COSTA et al. 2003). Uma importante inversão de relevo se processou ao longo do Cenozóico, onde o antigo graben cretácico do Jatobá foi alçado a uma posição de planalto, cerca de 200 a 300 metros acima do piso da Depressão Sertaneja, elaborada sobre o substrato ígneo-metamórfico de idade Pré-Cambriana da Província Borborema.

3.1.2. Borborema

O planalto da Borborema mede uma área aproximada de 400 km em linha reta norte-sul, abrangendo os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Trata-se de um relevo de ordem estrutural em um conjunto de rochas cristalinas de idade pré-cambriana de direção geral Norte/Nordeste-Sul/Sudoeste, com vastas superfícies planálticas de relevos aplainados, intercalados com áreas francamente dissecadas em terrenos de morros amplos a montanhosos. Compreende-se uma área do Nordeste setentrional situada a leste da

Bacia Parnaíba e ao norte do *cráton* do São Francisco (ALMEIDA et al., 2000) e é caracterizada por terrenos de diferentes litologias separados por falhas e lineamentos (BRITO NEVES et al., 2000). Encontra-se ao lado da depressão sertaneja e da Chapada do Araripe.

Sua altitude média é de 500 m, tendo picos que chegam a 1200 m, como o Pico do Papagaio com 1175 m, do Jabre com 1197 m, e da Boa Vista com 1200 m, além da sua extensão de 470 km e uma largura que varia entre 70 a 330 km.

Dentro dos domínios do Planalto da Borborema, o Batólito de Brejo da Madre de Deus se destaca por ser um corpo granítico de grande dimensão, situado entre os municípios de Belo Jardim e Brejo da Madre de Deus, no estado de Pernambuco. O corpo granítico é parte integrante do Batólito Caruaru Arcoverde, o maior corpo da associação cálcio-alcálica de alto potássio da Província Borborema, ocupando a porção centro leste do mesmo. A extensão lateral leste do batólito corresponde ao Complexo Ígneo cálcio-alcálico de alto potássio Fazenda Nova/Serra da Japicanga. As rochas encaixantes do Batólito Brejo da Madre de Deus são, ao sul, biotita xistos granatíferos, paragneisses e ortogneisses graníticos a granodioríticos, e, a norte, ortogneisses graníticos a dioríticos e migmatitos. A borda sul do BBMD é marcada pela zona de cisalhamento Pernambuco leste, cuja deformação é concentrada no granito.

A Depressão Sertaneja, seguindo denominação proposta por Ab'Saber (1969), apresenta-se como uma Depressão Periférica em relação aos planaltos da Borborema e da Bacia do Jatobá, além da Chapada do Araripe e compreende um diversificado conjunto de padrões de relevo com amplo predomínio de superfícies aplainadas com relevo plano e suavemente ondulado resultante de processos de arrasamento generalizado do relevo sobre diversos tipos de litologias.

3.1.3. Bacias Hidrográficas

A hidrografia da área pesquisada insere-se nas bacias hidrográficas do Capibaribe, Ipanema, Ipojuca e Moxotó.

A Bacia Hidrográfica do rio Capibaribe nasce na divisa dos municípios de Jataúba e Poção apresenta direção inicial sudeste-nordeste, até as proximidades de Santa Cruz do Capibaribe, quando seu curso toma a direção oeste-leste, percorrendo uma extensão total de cerca de 280 km até sua foz, na cidade do Recife. O rio Capibaribe apresenta regime fluvial intermitente nos seus alto e médio cursos, tornando-se perene somente a partir do município

de Limoeiro, no seu baixo curso. Seus principais afluentes pela margem direita, são: riacho do Mimoso, riacho Tabocas, riacho da Onça, riacho Carapatós, riacho das Éguas, riacho Caçatuba, riacho Batatã, rio Cotumgubá, rio Goitá e rio Tapacurá. Pela margem esquerda, destacam-se: riacho Jataúba, riacho Doce, riacho Topada, riacho do Manso e riacho Cajaí.

A bacia hidrográfica do rio Ipanema está localizada em sua maior parte no Estado de Pernambuco, com sua porção sul no Estado de Alagoas, onde se estende até o rio São Francisco. A nascente do rio Ipanema se situa no município de Pesqueira. Seu curso percorre parte dos estados de Pernambuco (aproximadamente 139 km) e Alagoas, na direção norte-sul, até desaguar no rio São Francisco. Seus principais afluentes são: pela margem direita, riacho do Mororó, riacho Mulungú, riacho do Pinto, riacho Mandacaru e rio Topera; e, pela margem esquerda, rio dos Bois, riacho da Luíza, rio Cordeiro e rio Dois Riachos. O rio Cordeiro é o principal tributário do rio Ipanema, cuja nascente se localiza no município de Venturosa.

A bacia hidrográfica do rio Ipojuca está na sua totalidade no Estado de Pernambuco, O percurso do rio Ipojuca, com cerca de 320 km, é preponderantemente orientado na direção oeste-leste, sendo seu regime fluvial intermitente, tornando-se perene a partir do seu médio curso, nas proximidades da cidade de Caruaru. Seus principais afluentes, pela margem direita são riacho Liberal, riacho Taquara e riacho do Mel e, pela margem esquerda, riacho do Coutinho, riacho dos Mocós, riacho do Muxoxo e riacho Pata Choca. O riacho Liberal, seu afluente mais importante, tem suas nascentes no município de Alagoinha.

A bacia hidrográfica do rio Moxotó está situada, em sua maior parte, no Estado de Pernambuco, estendendo-se na sua porção sudeste para o Estado de Alagoas até o rio São Francisco. O rio Moxotó nasce no município de Sertânia, próximo à divisa entre os estados de Pernambuco e Paraíba. Da nascente até sua foz, no rio São Francisco, o rio possui uma extensão de cerca de 226 km. Seus principais afluentes pela margem direita, de montante para jusante, são riacho do Saquinho, riacho do Lajedo, riacho da Custódia, riacho do Capiti e riacho Juazeiro. Pela margem esquerda, destacam-se riacho do Feliciano, rio Piutá, riacho Salgado, riacho do Pioré, rio Priapé e riacho do Parafuso, que serve de limite entre os estados de Pernambuco e Alagoas. Com sua nascente situada no município de Sertânia, o rio Piutá é o afluente mais importante do rio Moxotó (Mapa 2).

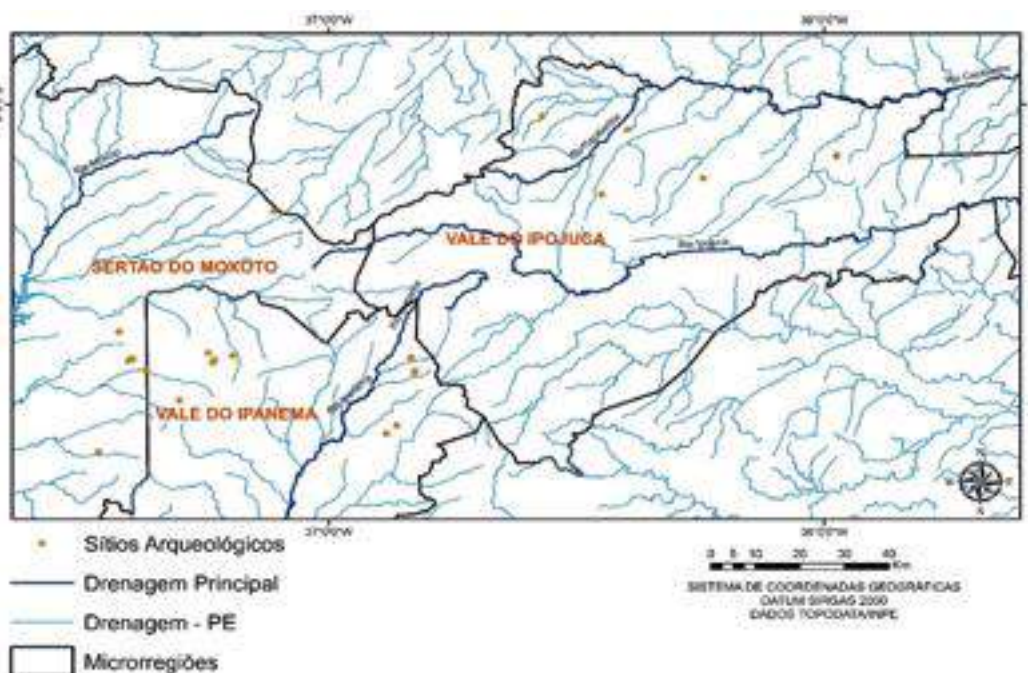
3.1.4. Clima

A área do trabalho possui características climáticas de caráter intermediário entre o Tropical úmido da faixa oriental Atlântica e o semiárido dos espaços sertanejos. As variáveis climáticas, influenciadas pela geomorfologia da região, condicionam os aspectos da paisagem regionais, constituindo diversas subáreas com características peculiares dentro da macro-área caracterizada Agreste (MELO, 1980).

Nesta área de transição verificam-se dois espaços assinalados onde o clima e a pluviosidade são decisivos para sua classificação: os espaços subúmidos e os semiáridos. Estas áreas possuem características excepcionais dentro do quadro semiárido nordestino, caracterizando-se por áreas de exceção (LINS, 1989).

Os espaços semiáridos constituem quase toda região do Agreste Pernambucano sendo limitado a oeste pela zona seca sertaneja. Caracteriza-se por uma abundância de áreas de pediplanos secos agravadores da semiaridez climática dos sertões, com altitudes inferiores a 500 m. O regime pluviométrico anual é inferior a 800 mm e a hidrografia caracteriza-se por um regime intermitente mais acentuado. Possui solos rasos e pedregosos com uma vegetação predominantemente de caatinga. (LINS, 1989).

Mapa 2: Mapa de Hidrografia com posicionamento dos Sítios arqueológicos pesquisados.



Fonte: TAVARES, Bruno (2018)

Os espaços subúmidos representam uma minoria nos agrestes, estando concentrados nas proximidades e rebordo do Planalto da Borborema. Contrapondo-se às áreas semiáridas por possuírem condições privilegiadas de clima (precipitação e umidade), são considerados locais de refúgios de espécies da Floresta Atlântica dentro dos domínios da caatinga. Em períodos de maior seca, essas áreas se diferenciam do entorno semiárido tornando-se atrativa do ponto de vista ecológico. A existência de Planaltos e Chapadas com altitudes variando de 500 a 1100 m de altitude, onde os níveis de precipitação nas áreas mais altas são superiores a 1200 mm por ano, justificam a ocorrência das áreas de brejos em uma região onde a precipitação pluviométrica média anual varia entre 240 – 900 mm (TABARELLI; SANTOS,2004).

4 CARACTERIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Neste capítulo, foi realizado a descrição dos 26 sítios arqueológicos utilizados neste trabalho.

4.1 VALE DO IPOJUCA

O Vale do Ipojuca é uma microrregião do Estado de Pernambuco, que se localiza dentro da Mesorregião do Agreste Pernambucano.

4.1.1. Pedra da Lua

O sítio arqueológico Pedra da Lua está localizado no município de Brejo da Madre de Deus - PE, na UTM E 803650 e UTM N 9097172. Posiciona-se na média vertente da Serra da Boa Vista a uma cota altimétrica de 571 m (Figura 3).

Figura 3: Vista geral do Sítio Pedra da Lua.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2011

O sítio configura-se como um abrigo sob rocha granítica, com abertura voltada para o leste e o nordeste, e com a sua orientação para o sul - norte e nordeste - sudoeste. O abrigo tem 29,50 m de comprimento por 7,10 m de largura e 4 m de altura, constitui-se em duas áreas abrigadas de 28,4 m² e 4,6 m².

O sítio é composto por 2 manchas gráficas cuja área pictórica possui 11,70 m. As pinturas rupestres são encontradas por todo setor norte do abrigo, sendo formadas por figuras com características antropomórficas, zoomórficas, marca de mão em positivo e grafismos puros. A cor vermelha é majoritária no sítio, podendo-se também verificar figuras nas

colorações branca e amarela. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 4).

Figura 4: Réptil, Sítio Pedra da Lua. Editado pelo DStretch.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2011

4.1.2. Pedra da Bicuda

O sítio arqueológico Pedra da Bicuda está localizado em Tambor de Cima, município de Brejo da Madre de Deus - PE, na UTM E 787079 e UTM N 9108870. Posiciona-se na média vertente da Serra da Maria Nogueira a uma cota altimétrica de 598 m (Figura 5).

O sítio configura-se como um matacão granítico, com abertura voltada para o sudeste, e com a sua orientação para o sudoeste – nordeste. Tem 13 m de comprimento por 3,40 m de largura e 3,80 m de altura.

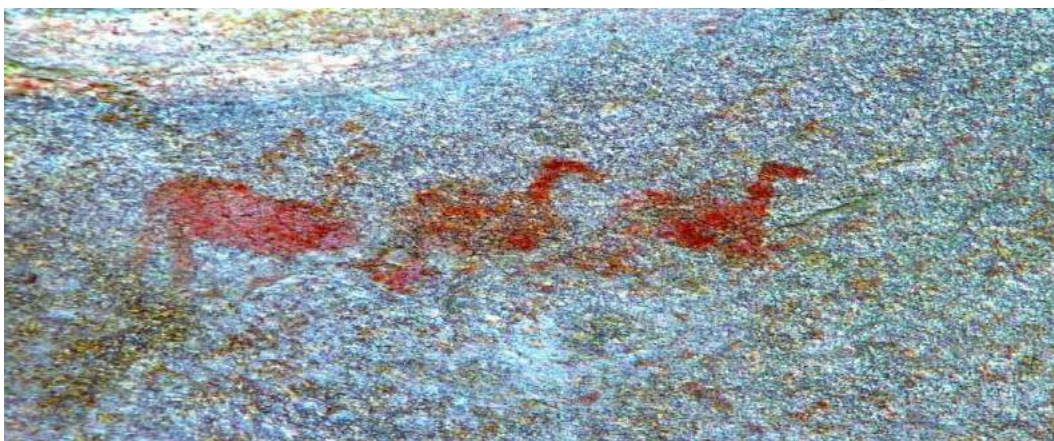
O sítio é apenas composto por pinturas rupestres. Ele é composto por 1 mancha gráfica cuja área pictórica possui 0,60 m. As pinturas rupestres são encontradas por todo setor sudeste do matacão, sendo formada por figuras com características zoomórficas e grafismos puros, sendo que a cor vermelha é majoritária no sítio. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 6).

Figura 5: Vista geral do Sítio Pedra da Bicuda.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2011

Figura 6: Cena de um bando de aves. Sítio Pedra da Bicuda. Editada pelo DStretch.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2011

4.1.3. Pedra do Letreiro do Tambor de Cima

O sítio arqueológico Pedra do Letreiro do Tambor de Cima está localizado em Tambor de Cima, município de Brejo da Madre de Deus - PE, na UTM E 787085 e UTM N 9108758. Posiciona-se na média vertente da Serra da Maria Nogueira a uma cota altimétrica de 582 m (Figura 7).

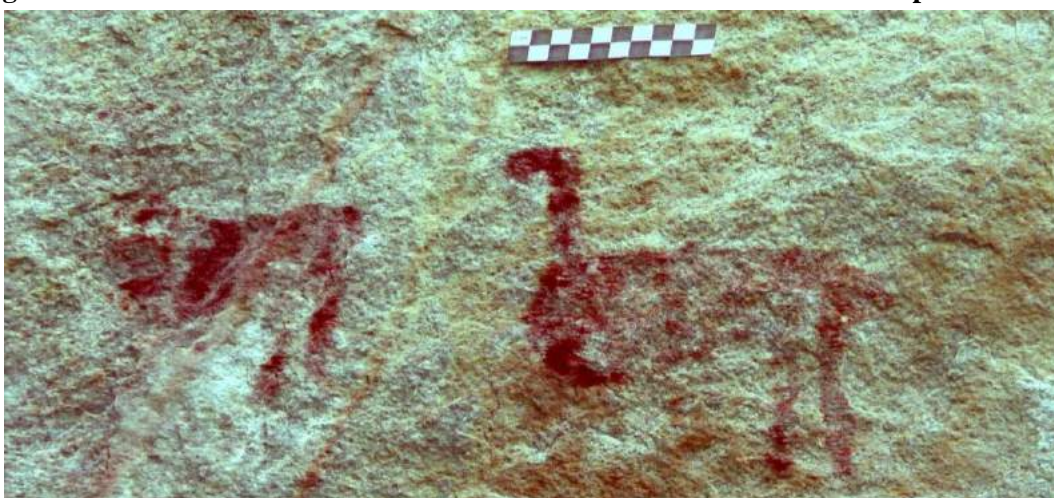
O sítio configura-se como um abrigo sob rocha granítica, com abertura voltada para o sudeste, e com a sua orientação para o sudoeste – nordeste. Tem 15 m de comprimento por 6,15 m de largura e 8 m de altura.

Figura 7: Vista geral do Sítio Pedra do Letreiro do Tambor de Cima.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2011.

Figura 8: Mamífero. Sítio Pedra do Letreiro do Tambor de Cima. Editado pelo DStretch.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2011

O sítio é composto por uma mancha gráfica cuja área pictórica tem 8,15 m. Nas áreas mais planas do suporte há uma maior concentração de pinturas, sendo formada por figuras com características zoomórficas, antropomorfas e grafismos puros, sendo que a cor vermelha é majoritária no sítio. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Nordeste (Figura 8).

4.1.4. Pedra da Escritura

O sítio Pedra da Escritura está localizado na localidade do Povoado Palha, município de Belo Jardim - PE, nas coordenadas UTM E 781088 e UTM N 90933426, Posiciona-se no topo de uma serra com uma cota altimétrica de 889 m (Figura 9).

Figura 9: Vista geral do Sítio Pedra da Escritura.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2012

O sítio configura-se como um matacão granítico de dimensões de 16,50 m de comprimento por 6,80 m de largura e 13 m de altura, com abertura voltada para o norte, e com a sua orientação para o leste – oeste.

No sítio foi identificada uma mancha gráfica cuja área pictórica possui 7,10 m, situada no setor norte do sítio, sendo formada por figuras com características antropomórficas, zoomórficas, marca de mão e grafismos puros. Os tons de cor vermelha são majoritários no sítio. Além das pinturas rupestres também se encontra na área do sítio vestígios cerâmicos. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 10).

Figura 10: Réptil. Sítio Pedra da Escritura.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2012

4.1.5. Brejinho I

O sítio arqueológico Brejinho I está localizado em Palmatória I, município de Caruaru - PE, na UTM E 172119 e UTM N 9102305. Posiciona-se na alta vertente da Serra do Brejinho a uma cota altimétrica de 545 m (Figura 11).

Figura 11: Vista geral do Sítio Brejinho I.

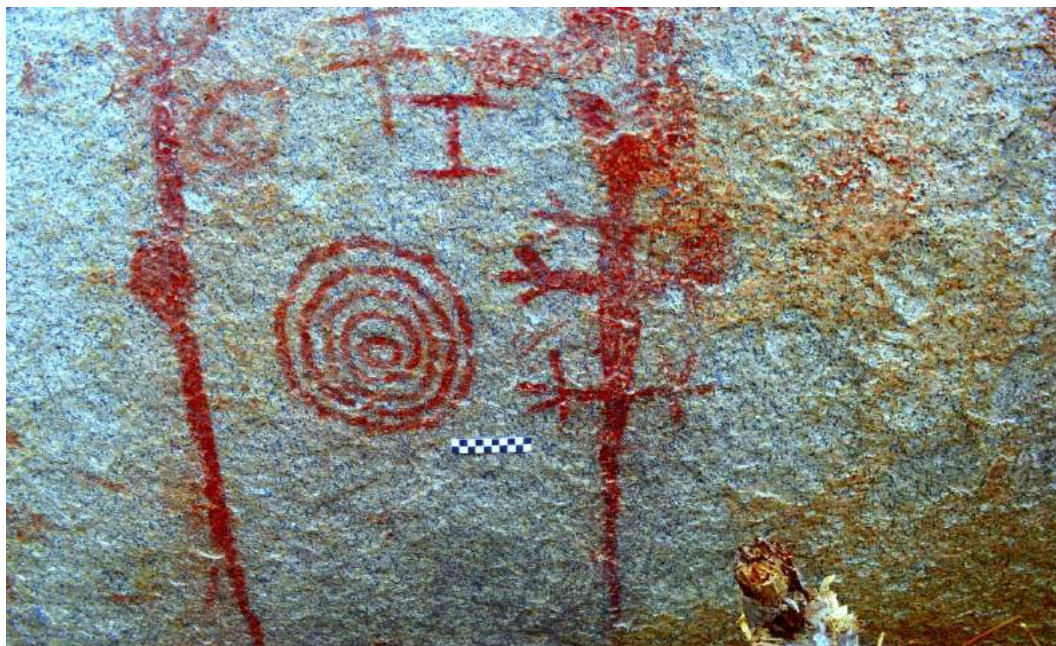


Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2013

O sítio configura-se como um abrigo sob rocha granítica, com abertura voltada para o leste, e com a sua orientação para o sul – norte. Tem 16,80 m de comprimento por 7 m de largura e 6 m de altura.

O sítio é composto por 4 mancha gráfica cuja área pictórica possui 12,50 m. As pinturas rupestres são formadas por figuras com características zoomórficas e grafismos puros, sendo que a cor vermelha é majoritária no sítio. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 12).

Figura 12: Réptil. Sítio Brejinho I. Editado pelo DStretch.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2013

4.1.6. Pedra do Meio V

O sítio arqueológico Pedra do Meio V está localizado em Riacho do Meio, município de Jataúba - PE, na UTM E 767899 e UTM N 9112094. Posiciona-se na baixa vertente da serra a uma cota altimétrica de 582 m (Figura 13).

O sítio configura-se como um matacão granítico com abertura voltada para o sudeste, e com a sua orientação para o sudeste – noroeste. Tem 8,50 m de comprimento por 4,20 m de largura e 5 m de altura.

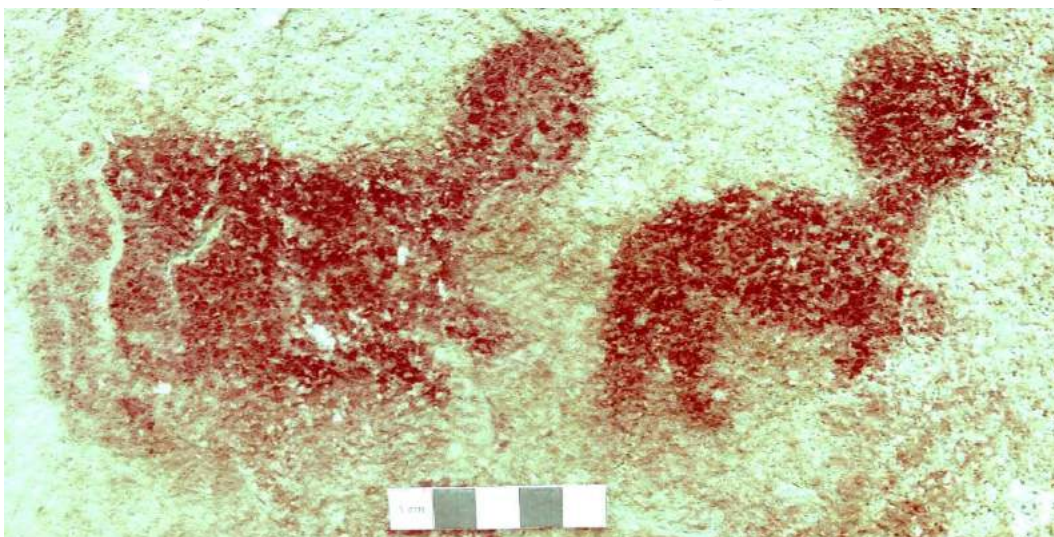
O sítio é composto por uma mancha gráfica cuja área pictórica possui 0,65 m. As pinturas rupestres são formadas por figuras com características zoomórficas, e estão localizadas no setor sudeste do matacão, sendo que a cor vermelha é majoritária no sítio. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Nordeste (Figura 14).

Figura 13: Vista geral do Sítio Pedra do Meio V.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2012

Figura 14: Sítio Pedra do Meio V. Editado pelo DStretch.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2012

4.2 VALE DO IPANEMA

O Vale do Ipanema é uma microrregião do Estado de Pernambuco, que se localiza dentro da Mesorregião do Agreste Pernambucano.

4.2.1. Alcobaça

O sítio Alcobaça está localizado nas coordenadas UTM E 698786 e UTM N 9055534, na localidade da Fazenda Serrote Preto, município de Buíque - PE. Posiciona-se na média vertente do Morro do Coqueiro, em uma cota altimétrica de 800 m (Figura 15).

O Sítio configura-se como um abrigo sob rochas arenítica, com a abertura volta para o leste e a sua orientação para o norte – sul, possuindo as dimensões de 70 m de comprimento por 11 m de largura e 25 m de altura.

Figura 15: Vista geral do Sítio Alcobaça.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2012

Na década de 1990 foram realizadas pela Universidade Federal de Pernambuco escavações arqueológicas no sítio, coordenadas pela pesquisadora Ana Nascimento Oliveira. Durante a realização dessas escavações foram evidenciados sepultamentos, estruturas de combustão, material cerâmico e lítico.

No sítio foi verificada a presença de uma mancha gráfica cuja área pictórica possui dimensões de 70 m. Essas pinturas rupestres com características antropomórficas, zoomórficas e grafismos puros. Os tons vermelhos são majoritários no sítio, podendo-se verificar grafismos nas cores amarela, branca e preta. Além das pinturas, o sítio possui um painel composto por gravuras rupestres. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 16).

Figura 16: Peixe. Sítio Alcobaça. Editada pelo DStretch.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2012

4.2.2. Caiana

O sítio Caiana está localizada nas coordenadas UTM E 694726 e UTM N 9054576, na localidade do Brejo de São José, município de Buíque - PE. Posiciona-se na alta vertente da Serra Branca, em uma cota altimétrica de 899 m (Figura 17).

O sítio configura-se como um abrigo sob rocha arenítica, tem 44 m de comprimento por 8 m de largura e 16 m de altura. A sua abertura volta-se para o sul, e a sua orientação para o oeste – leste.

O abrigo possui um conjunto pictural formado por 25 manchas gráficas com 34 m, sendo composta por antropomorfos, zoomorfos, marcas de mãos e grafismos puros. As pinturas foram elaboradas em diversos tons de nas cores amarela, preta e vermelha. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (figura 18).

Figura 17: Vista geral do Sítio Caiana.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2012

Figura 18: Réptil. Sítio Caiana.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2012

4.2.3. Furna do Letreiro da Mina Grande

O sítio Furna do Letreiro da Mina Grande está localizado nas coordenadas UTM E 696911 e UTM N 9040519, no município de Buíque - PE. Posiciona-se na baixa vertente da Serra da Mina Grande, em uma cota altimétrica de 823 m (Figura 19).

Figura 19: Vista geral do Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2009

O sítio configura-se como um abrigo sob rocha arenítica, com a sua abertura é voltada para o nordeste e a sua orientação voltada para o nordeste – sudoeste, com dimensões de 29 m de comprimento, 4 m de largura e 40 m de altura.

O abrigo contém 6 manchas gráficas, com faces voltadas para o nordeste, em uma área de área abrigada de 116 m², sendo esses grafismos composto por zoomorfos, grafismos puros e marcas de mãos. Foram utilizados tons de vermelho no abrigo. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 20).

Figura 20: Réptil. Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2009

4.2.4. Loca da Cinza

O sítio Loca da Cinza está localizada nas coordenadas UTM E 694376 e UTM N 9054028, na localidade do Vale do Catimbau, município de Buíque - PE. Posiciona-se na baixa vertente da Serra de Jerusalém, em uma cota altimétrica de 893 m (Figura 21).

O sítio configura-se como um abrigo sob rocha arenítica, possuindo dimensões de 80 m de comprimento por 6,40 m de largura e 6 m de altura. A sua abertura volta-se para o sudoeste, e a sua orientação para o noroeste – sudeste.

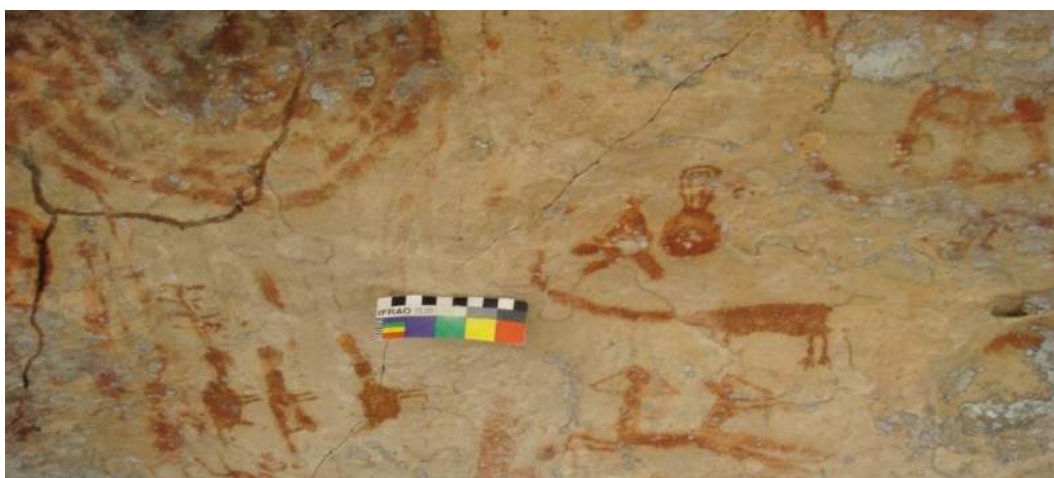
O abrigo possui um conjunto pictural formado por 4 manchas gráficas, sendo composta por antropomorfos, zoomorfos e grafismos puros. As pinturas foram elaboradas em diversos tons de vermelho. Além de também apresenta 3 conjuntos gravuras rupestres e apresentar cúpulas nos setores oeste e noroeste, além de um almofariz sobre o piso na porção central do sítio. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Nordeste (Figura 22).

Figura 21: Vista geral do Sítio Loca da Cinza.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2009

Figura 22: Réptil. Sítio Loca da Cinza. Editado pelo autor.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2009.

4.2.5. Sítio do Veado

O Sítio do Veado está localizado nas coordenadas UTM E 693356 e UTM N 9056270, na localidade da Serra Branca, município de Buíque- PE. Posiciona-se na média vertente da Serra Branca, em uma cota altimétrica de 832 m (Figura 23).

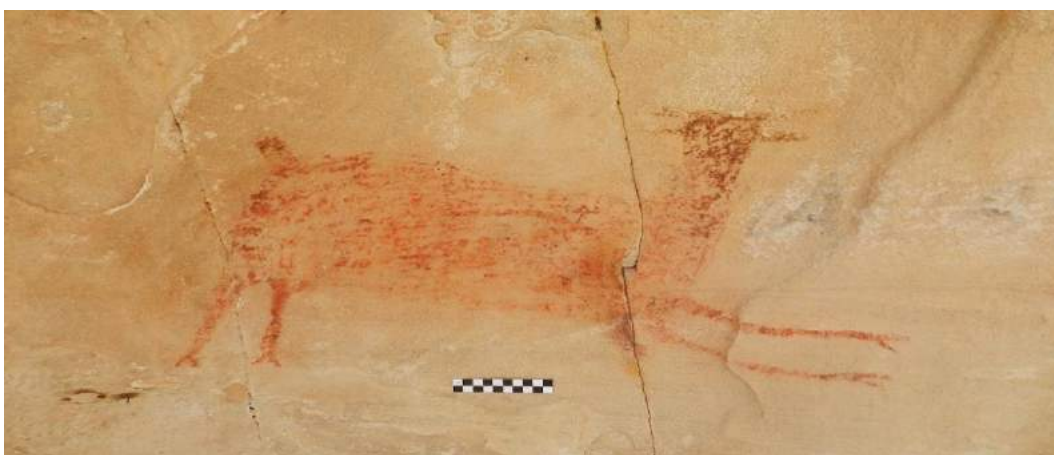
Figura 23: Vista geral do Sítio do Veado.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2012

O sítio é composto por um abrigo sob rocha arenítica. Possui dimensões de 29,80 m de comprimento por 8,10 m de largura e 7 m de altura com a sua abertura voltada para leste e a orientação para o norte – sul.

Figura 24: Mamífero. Sítio do Veado.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2012

O abrigo é composto por 7 manchas gráficas, que nele são encontrados antropomorfos, zoomorfos, grafismos puros e uma marca de mão em positivo, área pictórica sendo 8,70 m. As pinturas do abrigo foram elaboradas em diversos tons da cor vermelha. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Nordeste (Figura 24).

4.2.6. Pedra do Caboclo de Pedra

O sítio Pedra do Caboclo de Pedra está localizado nas coordenadas UTM E 732906 e UTM N 9036900, na localidade da Fazenda do Caboclo, município de Pedra - PE. Posiciona-se na baixa vertente da Serra do Caboclo com uma cota altimétrica de 549 m (Figura 25).

O sítio configura-se como um matacão granítico, de dimensões de 22 m de comprimento por 18,80 m de largura e 8 m de altura, com abertura voltada para o noroeste, e com a sua orientação para o nordeste – sudoeste.

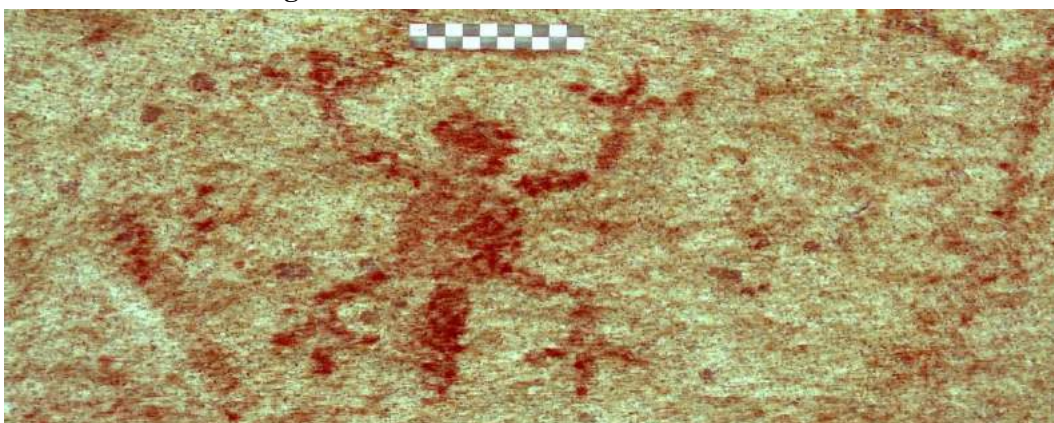
Figura 25: Vista geral do Sítio Pedra do Caboclo de Pedra.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

Os setores nordeste e noroeste do matacão contêm uma área abrigada nestas estão posicionadas as pinturas rupestres. No sítio foi identificada 4 manchas gráficas cuja área pictórica possui 7,10 m, sendo formada por figuras com características antropomórficas, zoomórficas e grafismos puros. Os tons de cor vermelha são majoritários no sítio. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Nordeste (Figura 26).

Figura 26: Sítio Pedra do Caboclo de Pedra.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

4.2.7. Prata I

O sítio Prata I está localizado nas coordenadas UTM E 735182 e UTM N 9038799, na localidade do Sítio Prata, município de Pedra - PE. Posiciona-se na média vertente da Serrote Redondo com uma cota altimétrica de 595 m (Figura 27).

Figura 27: Vista geral do Sítio Prata I.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

O sítio configura-se como um matacão granítico, de dimensões de 25 m de comprimento por 13 m de largura e 10 m de altura.

Nos setores nordeste, noroeste e sudoeste do matacão contêm uma área abrigada nestas estão posicionadas as pinturas rupestres. No sítio foi identificada 6 manchas gráficas cuja área pictórica possui 14 m, sendo formada por figuras com características antropomórficas, zoomórficas e grafismos puros. Os tons de cor vermelha são majoritários no sítio. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 28).

Figura 28: Réptil. Sítio Prata I. Editado pelo DStretch.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

4.2.8. Prata II

O sítio Prata II está localizado nas coordenadas UTM E 735215 e UTM N 9038780, na localidade do Sítio Prata, município de Pedra - PE. Posiciona-se na alta vertente da Serrote Redondo com uma cota altimétrica de 601 m (Figura 29).

Figura 29: Vista geral do Sítio Prata II.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

O sítio configura-se como um matacão granítico de dimensões de 15 m de comprimento por 6,50 m de largura e 9 m de altura. O matacão tem abertura voltada para o noroeste, e a sua orientação para o nordeste – sudoeste.

No setor noroeste do matacão contém uma área abrigada nestas estão posicionadas as pinturas rupestres, e no setor norte contém algumas pinturas no teto. No sítio foi identificada 8 manchas gráficas cuja área pictórica possui 9 m, sendo formada por figuras com características antropomórficas, zoomórficas e grafismos puros. O sítio contém tons de amarelo e vermelho. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 30).

Figura 30: Réptil. Sítio Prata II. Editado pelo DStretch.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

4.2.9. Loca dos Caboclos

O Sítio Loca dos Caboclos está localizado nas coordenadas UTM E 679543 e UTM N 9052312, na localidade da Reserva indígena da etnia Kapinawá, município de Tupanatinga-PE. Posiciona-se na baixa vertente da Serra do Quiri D'Alho, em uma cota altimétrica de 582 m (Figura 31).

Figura 31: Vista geral do Sítio Loca dos Caboclos.

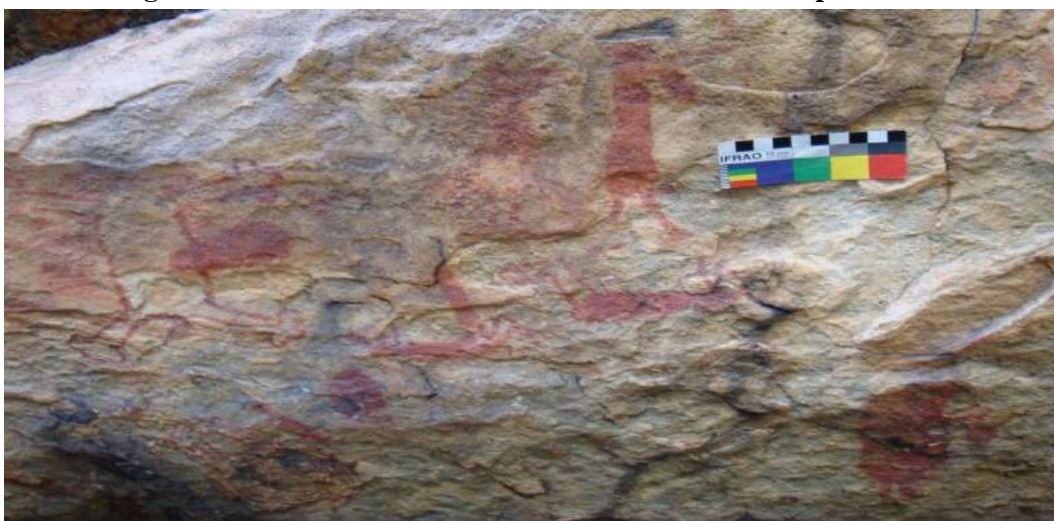


Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

O sítio é composto por um abrigo sob rocha arenítica. Possui dimensões de 11,70 m de comprimento por 30 m de largura e 3,30 m de altura com a sua abertura voltada para noroeste e a orientação para o sudoeste – nordeste.

O abrigo é composto por 5 manchas gráficas nos setores nordeste, noroeste e sudoeste, que neles são encontrados antropomorfos, zoomorfos e grafismos puros, área pictórica sendo 10 m. As pinturas do abrigo foram elaboradas em diversos tons da cor vermelha e laranjas. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Nordeste (Figura 32).

Figura 32: Mamífero. Sítio Loca dos Caboclos. Editado pelo autor.

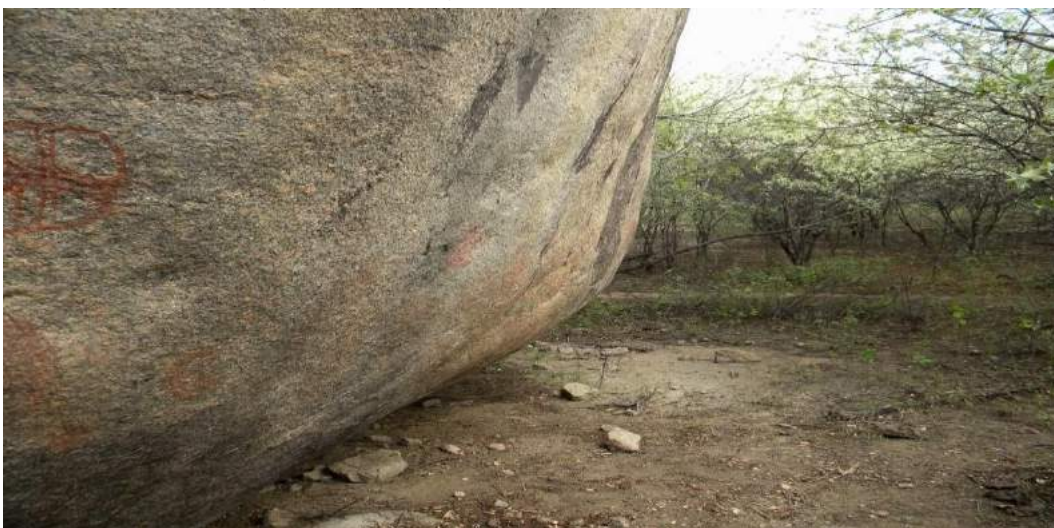


Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

4.2.10. Pedra do Donato

O sítio Pedra do Donato está localizado nas coordenadas UTM E 739232 e UTM N 9051313, na localidade do Sítio do Barbado, município de Venturosa- PE. Posiciona-se na baixa vertente da Serrote da Pedra Furada com uma cota altimétrica de 568 m (Figura 33).

Figura 33: Vista geral do Sítio Pedra do Donato.



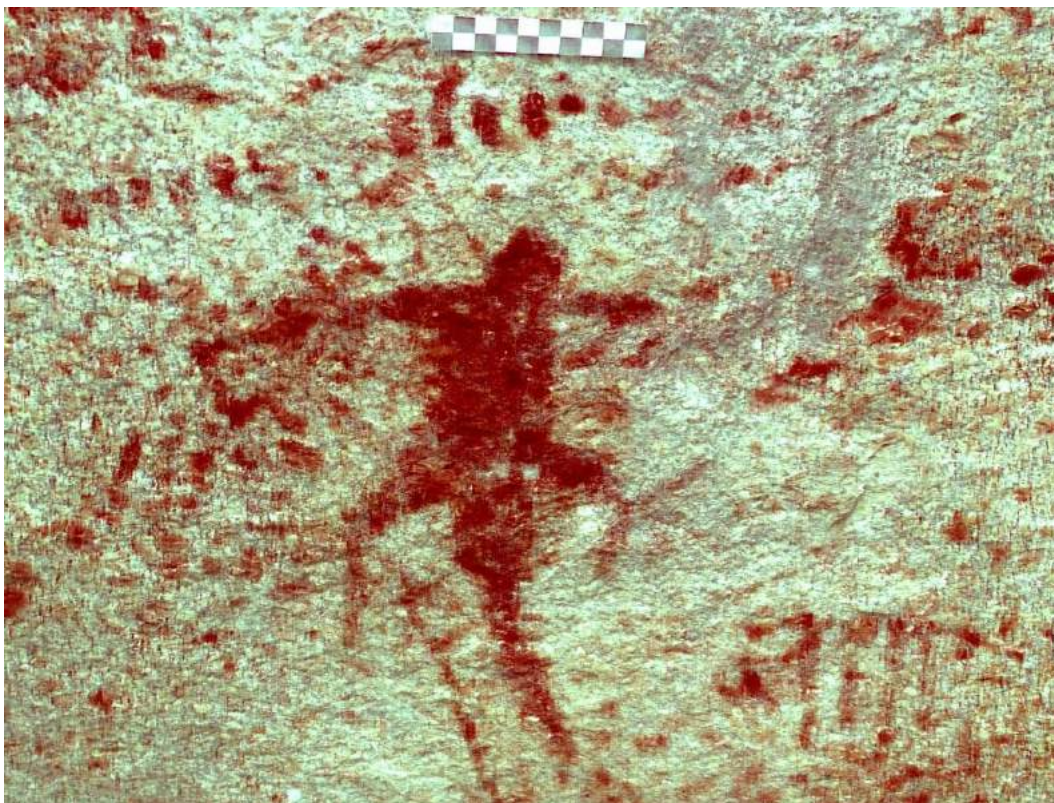
Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

O sítio configura-se como um matacão granítico, de dimensões de 15 m de comprimento por 11 m de largura e 12 m de altura. O matacão tem abertura voltada para o noroeste, e a sua orientação para o nordeste – sudoeste.

Nos setores noroeste e sudoeste do matacão estão posicionadas as pinturas rupestres. No sítio foi identificada 5 manchas gráficas cuja área pictórica possui 7 m, sendo formada por figuras com características zoomórficas e grafismos puros. As pinturas rupestres do sítio

contêm vários tons de vermelho. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 34).

Figura 34: Réptil. Sítio Pedra do Donato. Editado pelo DStretch.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

4.2.11. Pedra Furada

O Sítio Pedra Furada está localizado nas coordenadas UTM E 739308 e UTM N 9051734, na localidade da Fazenda Oliveira, município de Venturosa - PE. Posiciona-se no topo da Serra do Buco, em uma cota altimétrica de 674 m (Figura 35).

Figura 35: Vista geral do Sítio Pedra Furada.

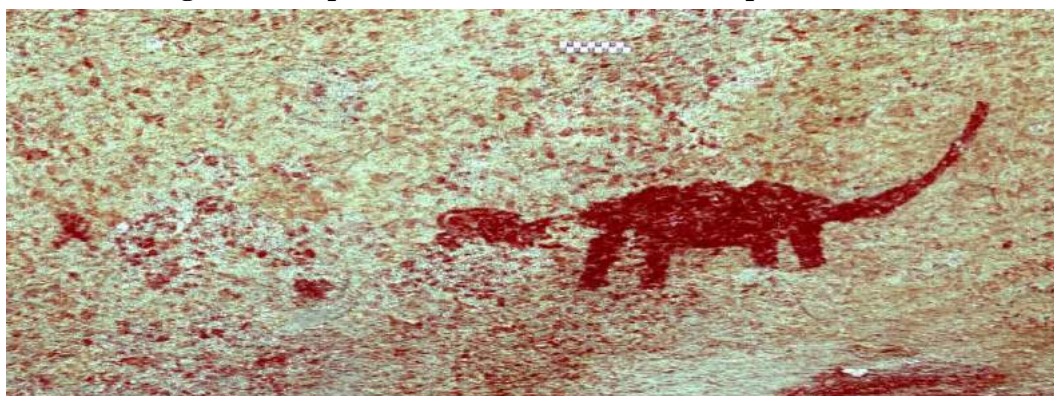


Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

O sítio é composto por um abrigo sob rocha granítica, com o solo sendo argiloarenoso. Possui dimensões de 180 m de comprimento por 12 m de largura e 40 m de altura com a sua abertura voltada para noroeste e a orientação para o nordeste – sudoeste.

O abrigo é composto por 10 manchas gráficas nos setores nordeste, noroeste e sudoeste, que neles são encontrados antropomorfos, zoomorfos e grafismos puros, área pictórica sendo dividida em duas que possui a primeira 26,80 m, e a segunda 29 m. As pinturas do abrigo foram elaboradas em diversos tons da cor vermelha. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 36).

Figura 36: Réptil. Sítio Pedra Furada. Editado pelo DStretch



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

4.2.12. Peri-Peri I

O sítio Peri-Peri I está localizado nas coordenadas UTM E 738478 e UTM N 9054786, na localidade da Fazenda Serrote, município de Venturosa-PE. Posiciona-se na baixa vertente da Morro dos Ossos com uma cota altimétrica de 577 m (Figura 37).

Figura 37: Vista geral do Sítio Peri-Peri I.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

O sítio configura-se como um matakão granítico de dimensões de 48 m de comprimento por 26 m de largura e 16 m de altura. O matakão tem abertura voltada para o noroeste, e a sua orientação para o nordeste – sudoeste.

Figura 38: Réptil. Sítio Peri-Peri I. Editado pelo DStretch.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

Nos setores sudeste e sudoeste do sítio do matakão estão posicionadas as pinturas rupestres. No sítio foi identificada 6 manchas gráficas cuja área pictórica possui 47 m, sendo formada por figuras com características antropomórficas, zoomórficas, marcas de mão e grafismos puros. As pinturas rupestres do sítio contêm vários tons de vermelho e amarelo. Os

zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 38).

4.2.13. Peri-Peri II

O sítio Peri-Peri II está localizado nas coordenadas UTM E 738558 e UTM N 9054752, na localidade da Fazenda Serrote, município de Venturosa - PE. Posiciona-se na baixa vertente da Morro dos Ossos com uma cota altimétrica de 586 m (Figura 39).

Figura 39: Vista geral do Sítio Peri-Peri II.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

O sítio configura-se como um matacão granítico de dimensões de 13 m de comprimento por 4 m de largura e 4 m de altura. O matacão tem abertura voltada para o nordeste, e a sua orientação para o noroeste – sudoeste.

No setor noroeste do sítio do matacão estão posicionadas as pinturas rupestres. No sítio foi identificada 6 manchas gráficas cuja área pictórica possui 47 m, sendo formada por figuras com características antropomórficas, zoomórficas e marca de tintas. As pinturas rupestres do sítio contêm vários tons de vermelho e amarelo. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 40).

Figura 40: Cena com Mamíferos. Sítio Peri-Peri II.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

4.3 SERTÃO DO MOXOTÓ

O Sertão do Moxotó é uma microrregião do Estado de Pernambuco, que se localiza dentro da Mesorregião do Agreste Pernambucano.

4.3.1. Serra Vermelha II

O Sítio Serra Vermelha II está localizado nas coordenadas UTM E 644578 e UTM N 9117551, na localidade da Fazenda Oliveira, município de Custódia - PE. Posiciona-se na lata vertente da Serra da Lagoinha, em uma cota altimétrica de 825 m (Figura 41).

Figura 41: Vista geral do Sítio Serra Vermelha II.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2011

O sítio é composto por um abrigo sob rocha de granito. Possui dimensões de 7 m de comprimento por 4,50 m de largura e 2,40 m de altura.

O abrigo é composto por 1 mancha gráfica, que nela são encontrados antropomorfos, zoomorfos e grafismos puros, área pictórica possuindo 7 m. As pinturas do abrigo foram elaboradas em diversos tons da cor vermelha. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 42).

Figura 42: Réptil. Serra Vermelha II.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, 2011

4.3.2. Furna da Serra do Barreiro

O sítio Furna da Serra do Barreiro está localizado nas coordenadas UTM E 676587 e UTM N 9054864, na localidade da Fazenda Cumbe, município de Ibimirim, no estado de Pernambuco. Posiciona-se na baixa vertente da Serra do barreiro com uma cota altimétrica de 584 m (Figura 43).

O sítio configura-se como uma gruta de dimensões de 16,40 m de comprimento por 6 m de largura e 12 m de altura. Verifica-se que a matéria principal da gruta é o arenito, com o solo argiloarenoso. A gruta tem abertura voltada para o sudeste, e a sua orientação para o nordeste – sudoeste.

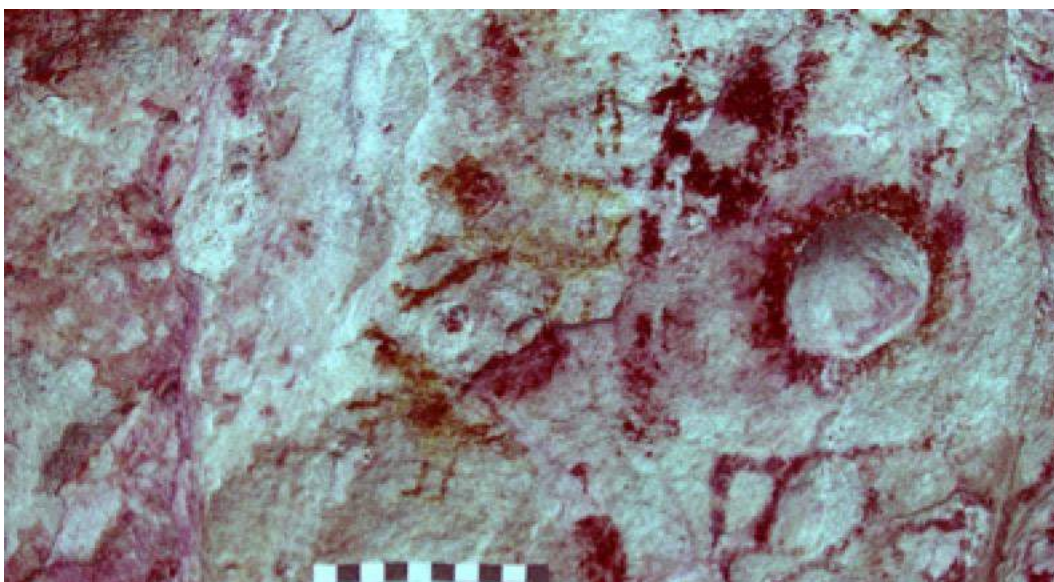
Figura 43: Vista geral do Sítio Furna da Serra do Barreiro.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2009

No sítio foi identificada 3 manchas gráficas, sendo formada por figuras com características antropomórficas, zoomórficas e grafismo puro. As pinturas rupestres do sítio contêm vários tons de vermelho. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Nordeste (Figura 44).

Figura 44: Cena com Mamíferos. Sítio Furna da Serra do Barreiro.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2009

4.3.3. Furna dos Veados

O Sítio Furna dos Veados está localizado nas coordenadas UTM E 675839 e UTM N 9054523, na localidade da Fazenda Cumbe, município de Ibimirim, estado de Pernambuco.

Posiciona-se na baixa vertente da Serra do Barreiro, em uma cota altimétrica de 574 m (Figura 45).

Figura 45: Vista geral do Sítios Furna dos Veados.

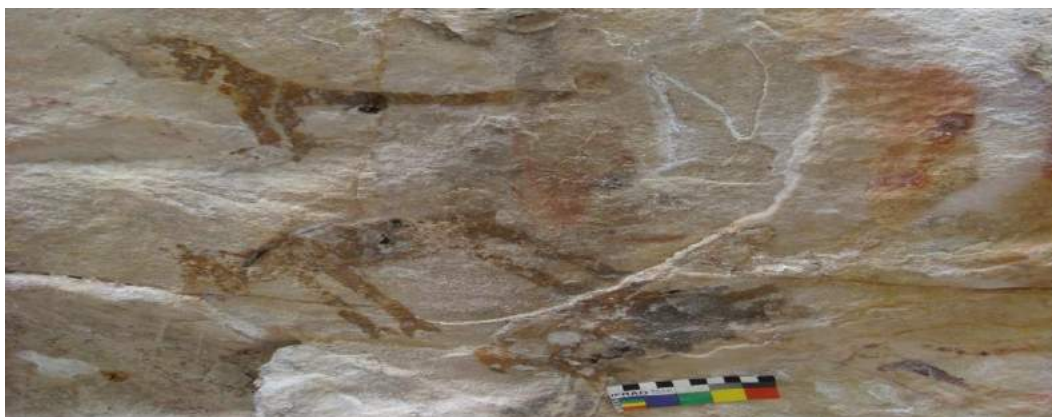


Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2009

O sítio é composto por um abrigo sob rocha arenítica. Possui dimensões de 13,70 m de comprimento por 3,50 m de largura e 4 m de altura com a sua abertura voltada para sudoeste e a orientação para o noroeste – sudeste.

O abrigo é composto por 5 manchas gráficas, que neles são encontradas pinturas rupestres de antropomorfos, zoomorfos e grafismos puros, e também apresentam gravuras rupestre. As pinturas do abrigo foram elaboradas em diversos tons da cor vermelha e amarela. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Nordeste (Figura 46).

Figura 46: Cena com Mamíferos. Sítio Furna dos Veados



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2009

4.3.4. Sítio da Ema

O Sítio da Ema está localizado nas coordenadas UTM E 668942 e UTM N 9032839, na localidade da Fazenda Esperança, município de Ibimirim - PE. Posiciona-se na média vertente da Serra dos Letreiros, em uma cota altimétrica de 580 m (Figura 47).

Figura 47: Vista geral do Sítio da Ema.

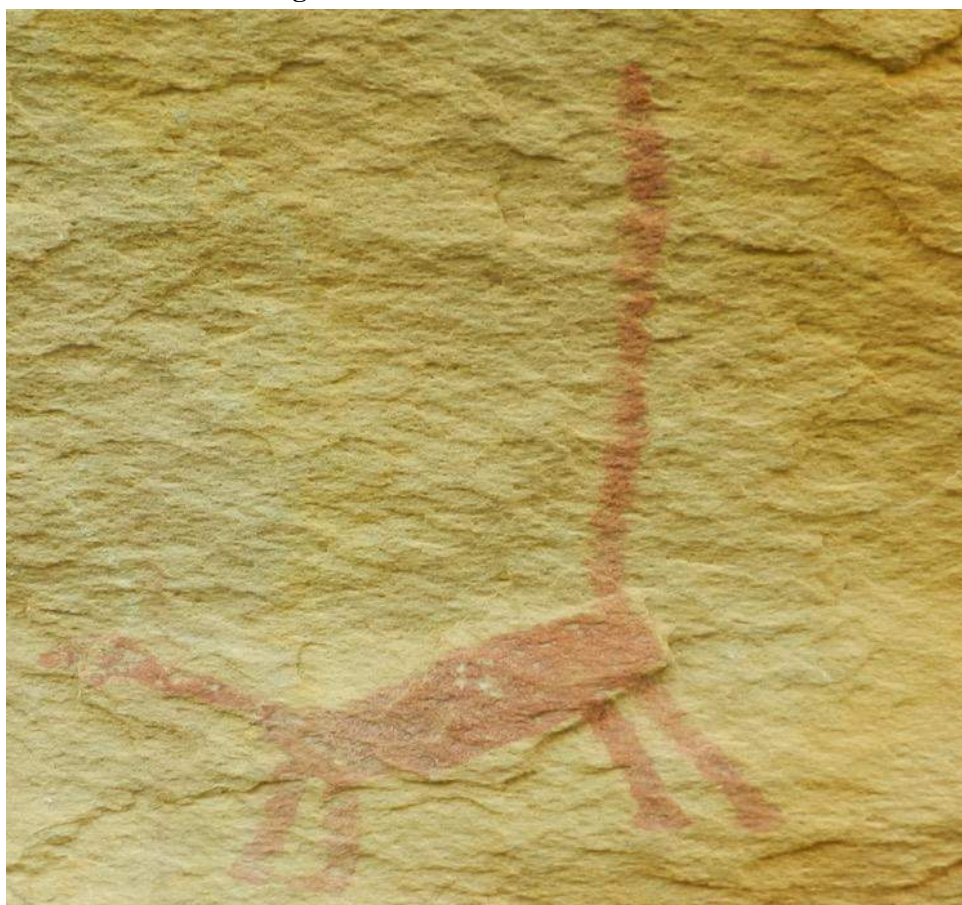


Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2012

O sítio é composto por um abrigo sob rocha arenítica. Possui dimensões de 33 m de comprimento por 8,30 m de largura e 16 m de altura com a sua abertura voltada para sudeste e a orientação para o sudoeste – nordeste.

O abrigo contém pinturas e gravuras rupestres localizadas no interior da área abrigada, e é composto por 15 manchas gráficas na extensão de todo o paredão, que neles são encontradas pinturas rupestres de antropomorfos, zoomorfos e grafismos puros, a área pictórica é de 16,40 m. As pinturas do abrigo foram elaboradas em diversos tons da cor vermelha. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 48).

Figura 48: Mamífero. Sítio da Ema.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2012

4.3.5. Tauá II

O Sítio Tauá II está localizado nas coordenadas UTM E 673599 e UTM N 9061319, na localidade da Fazenda Tauá, município de Ibimirim - PE. Posiciona-se na média vertente da Chapada de São José, em uma cota altimétrica de 654 m (Figura 49).

O sítio é composto por um abrigo sob rocha arenítica. Possui dimensões de 12,15 m de comprimento por 2,95 m de largura e 4,30 m de altura com a sua abertura voltada para norte e a orientação para o leste – oeste.

O abrigo é composto por 1 mancha gráfica na extensão de todo o paredão, que neles são encontradas pinturas rupestres de antropomorfos, zoomorfos e grafismos puros, e apresentam gravuras rupestre. As pinturas do abrigo foram elaboradas em diversos tons da cor vermelha e laranja. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 50).

Figura 49: Sítio Tauá II.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2009

Figura 50: Ave. Sítio Tauá II.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2009.

4.3.6. Toca do Gato

O Sítio Toca do Gato está localizado nas coordenadas UTM E 0675736 e UTM N 9054468N, município de Ibimirim - PE. Posiciona-se na baixa vertente da Serra do Barreiro, em uma cota altimétrica de 574 m (Figura 51).

Figura 51: Vista geral do Sítio Toca do Gato.



Fonte:

Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2009

O sítio é composto por um abrigo sob rocha granítica. Possui dimensões de 21 m de comprimento, por 4,30 m de largura e 2,70 m de altura com a sua abertura voltada para sudeste e a orientação para o nordeste – sudoeste.

O abrigo é composto por 5 manchas gráficas, que neles são encontradas pinturas rupestres de antropomorfos, zoomorfos e grafismos puros. As pinturas do abrigo foram elaboradas em diversos tons da cor vermelha. Além de conter também variadas gravuras rupestres espalhadas entre as manchas gráficas. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Agreste (Figura 52).

Figura 52: Mamífero. Sítio Toca do Gato.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2009

4.3.7. Lagoa dos Patos

O Sítio Lagoa dos Patos está localizado nas coordenadas UTM E 708161 e UTM N 708161, na localidade dos Sítio Tigre, no município de Sertânia - pE. Posiciona-se no topo do Serrote Mãe D'Água, em uma cota altimétrica de 747 m (Figura 53).

O sítio é composto por um abrigo sob rocha granítica. Possui dimensões de 25,10 m de comprimento, por 19 m de largura e 10 m de altura com a sua abertura voltada para leste e a orientação para o norte – sul.



Figura 53: Vista geral do Sítio Lagoa dos Patos.

Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

O abrigo contém grafismos pintados e gravados nos setores noroeste, nordeste e sudoeste. É composto por 4 manchas gráficas, sendo elas duas de pinturas rupestre e duas de

gravuras rupestres. As de pinturas são formadas por zoomorfos e grafismos puros. As pinturas do abrigo foram elaboradas em diversos tons da cor vermelha. Já as duas manchas de gravuras são formadas por grafismos puros. Os zoomorfos presentes no painel pictórico do sítio possuem características da Tradição Nordeste (Figura 54).

Figura 54: Mamífero. Sítio Lagoa dos Patos.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

5 A ANÁLISE DOS ZOOMORFOS

O presente capítulo evidencia os resultados das análises realizadas neste trabalho, no intuito de gerar um cenário geral dos sítios arqueológicos com pinturas zoomórficas e as relações da paisagem.

De princípio foram analisadas as dimensões do fenômeno gráfico, a partir do método proposto por Pessis (1992): Temática, Cenográfica e Técnica. Em seguida foi realizada análise da distribuição espacial dos sítios arqueológicos com representações de figuras zoomórficas, e foram realizadas correlações das pinturas zoomórficas com seu contexto geomorfológico. E, por fim, analisados os aspectos regionais da paisagem e suas correlações com os sítios.

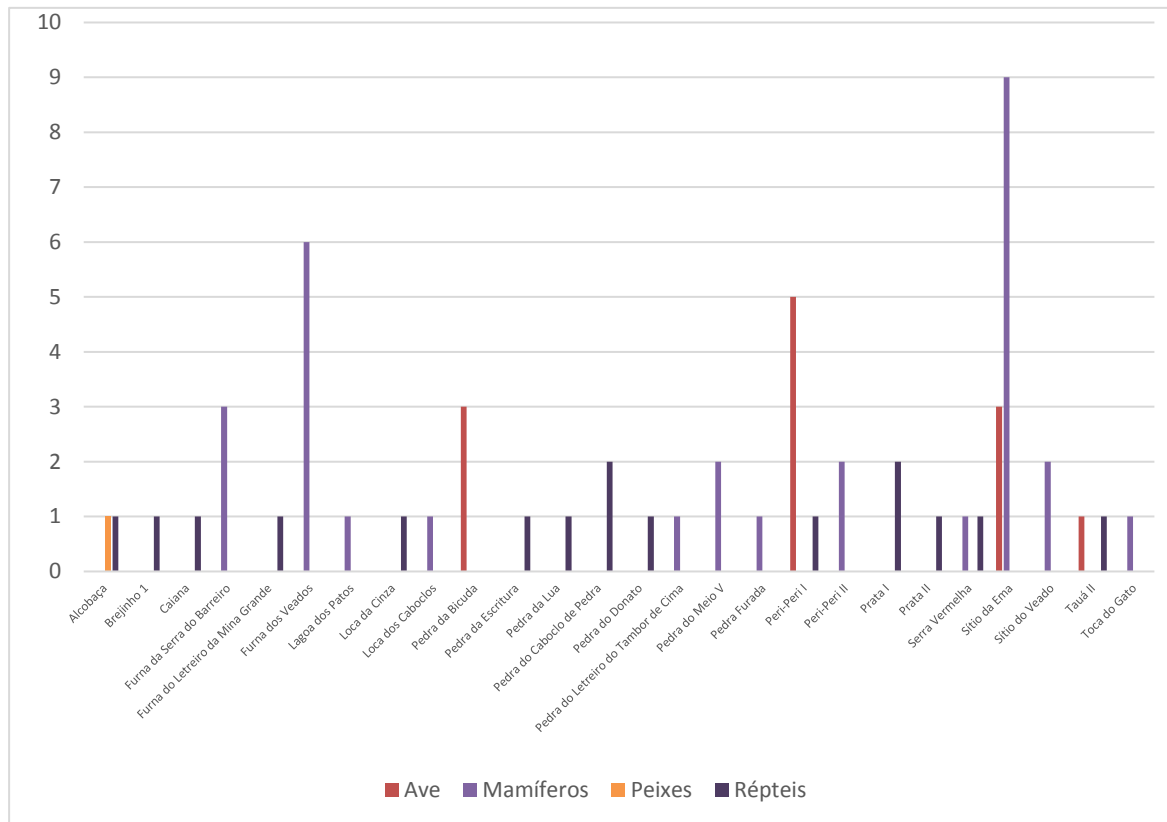
5.1 DIMENSÃO TEMÁTICA

A dimensão temática está relacionada aos elementos visuais essenciais que nos auxilia no reconhecimento da temática do grafismo. Segundo Pessis (1984), esse critério, nas figuras humanas e animais, é composto pelos marcadores primários compostos: cabeça, o eixo da coluna vertebral e os membros superiores e inferiores.

O conjunto destes marcadores permite o reconhecimento sumário da figura representada. Os marcadores secundários estão relacionados às características pertinentes aos grafismos tais como: instrumentos, indumentárias ou armamentos (AMARAL, 2014)

A morfologia dos zoomorfos foi dividida em duas partes: os elementos de identificação primária e os elementos de identificação secundária.

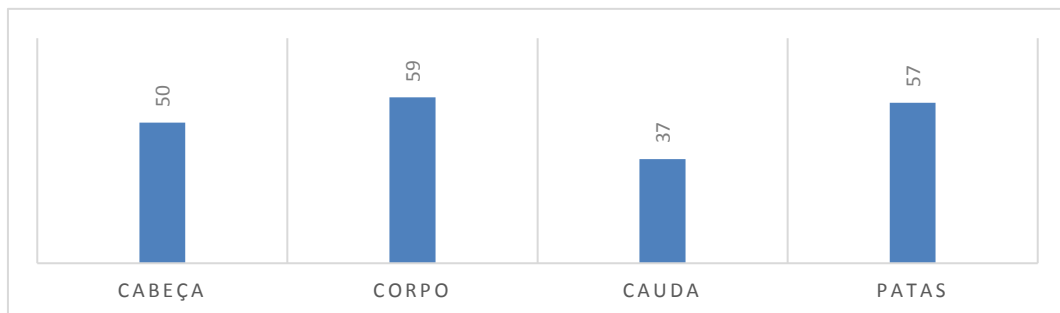
Os elementos de identificação primários foram divididos na presença ou não dos elementos: cabeça, corpo, patas e cauda, esses elementos são essenciais para indicar a classe dos animais. Na pesquisa foi identificada quatro classes, representadas por animais vertebrados, excetuando anfíbios: ave, mamífero (veado e onça), réptil (lagarto) e peixe. Dentro do universo de 26 sítios com zoomorfos, verificou-se a presença de 59 zoomorfos, no qual 12 são aves, 30 são mamíferos, 16 são representações de répteis e apenas 1 de peixe (Gráfico 1).

Gráfico 1: Relação quantidade de zoomorfos por sítio.

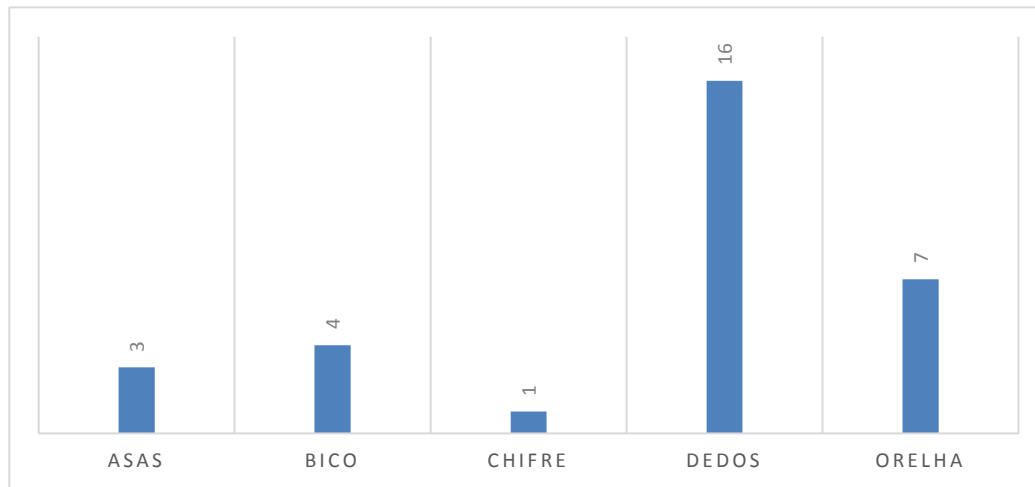
Fonte: a autora

Dentro das figuras zoomórficas analisadas, percebe-se que os mamíferos são os zoomorfos que existem em maior quantidade nos sítios em que o apresentam, mas os répteis são os zoomorfos que estão melhor distribuídos nos sítios, aparecendo em 14 sítios ao total, os mamíferos estão distribuídos em 12 sítios e as aves em 4 sítios (Gráfico 2).

Os elementos de identificação secundária foram divididos em: chifres, bigodes, dentes e outros, que no caso foi considerado somente as orelha e dedos (Gráfico 3).

Gráfico 2: Quantidade de Elementos de Identificação Primária.

Fonte: a autora

Gráfico 3: Quantidade de Elementos de identificação secundária.

Fonte: a autora

Quadro 4: Representações de Zoomorfos

Mamífero	Ave	Réptil	Peixe
			
Sítio Toca do Veado	Sítio Tauá II	Sítio Prata II	Sítio Alcobaça

Fonte: a autora

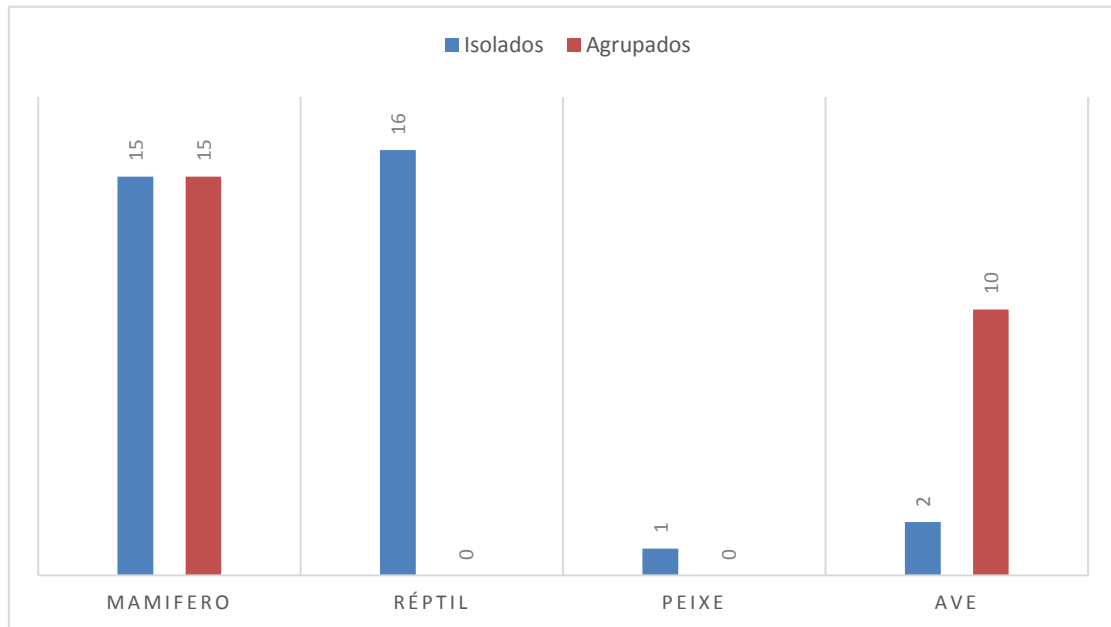
5.2 DIMENSÃO CENOGRÁFICA

O estudo da dimensão cenográfica forneceu um conjunto de variáveis particulares que auxiliaram na identificação das similaridades e diferenças entre os zoomorfos. Nesse trabalho, os elementos utilizados foram os seguintes: Composição, Cor, Animação e Preenchimento.

No primeiro momento foi analisado se o zoomorfo estava agrupado ou isolado. Eles foram considerados agrupados todos os zoomorfos que faziam parte de uma cena e de forma isolada se não fazia parte de nenhuma cena.



Durante a análise dos zoomorfos percebeu-se que apesar de existirem zoomorfos isolados e agrupados, os agrupados foram somente encontrados em um único tipo de cena, as cenas de bando (Gráfico 4) (Quadro 5).

Gráfico 4: Quantidade de Tipos de Zoomorfo por Composição.



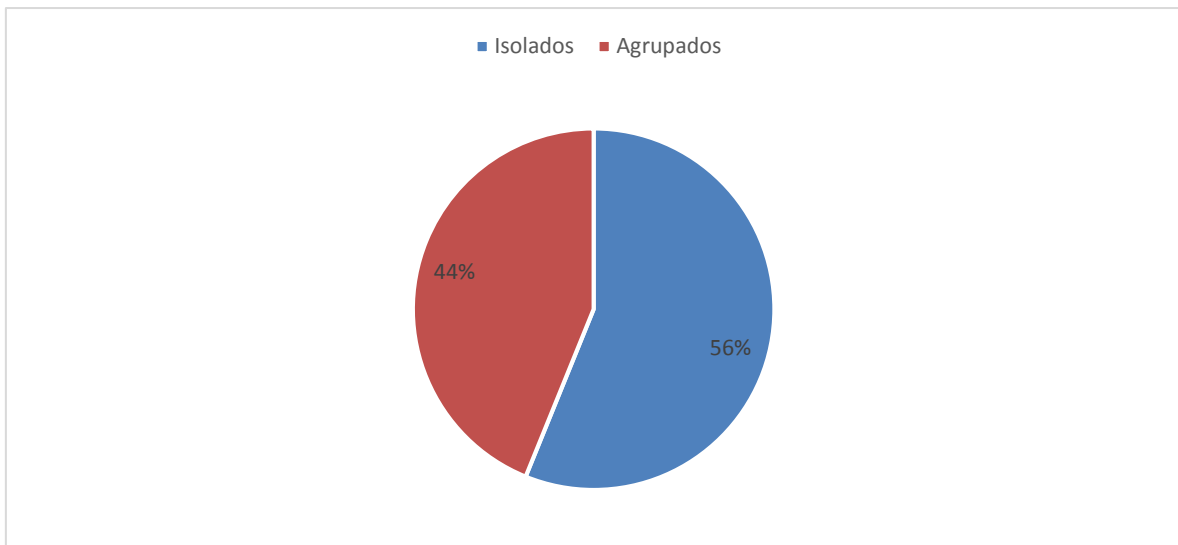
Fonte: a autora

Quadro 5: Tipo de Composição

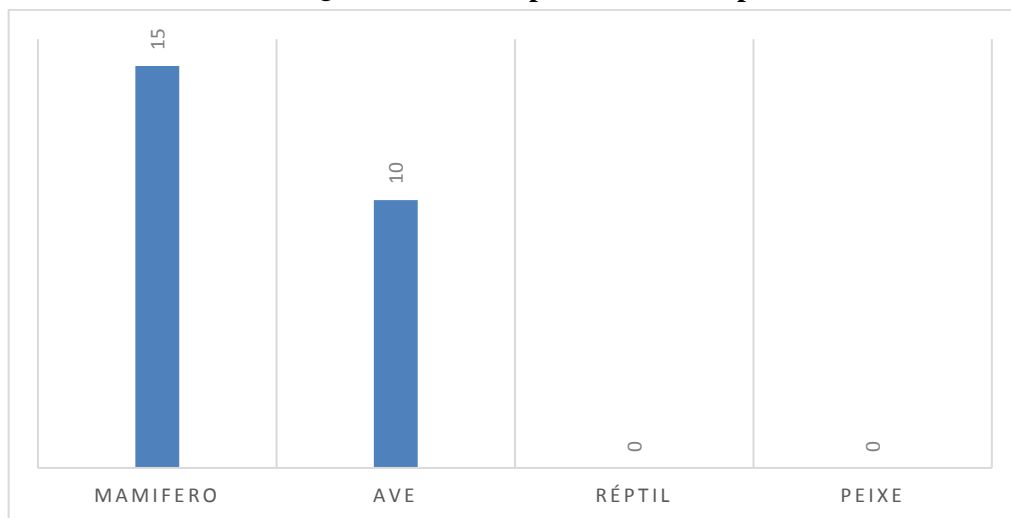
Isolado	Agrupado
 <p>Sítio Pedra Furada</p>	 <p>Sítio Peri-Peri II</p>

Fonte: a autora

Nessa variável, foi encontrado 32 representações zoomórficas isoladas, sendo 2 de aves, 15 de mamíferos, 16 de répteis e 1 de peixe. As representações agrupadas foram 25 zoomorfos, sendo na sua totalidade formado por cenas de bandos, essas cenas foram divididas entre 10 sendo de aves e 15 sendo de mamíferos (Gráfico 5).

Gráfico 5: Composição por Zoomorfo.

Fonte: a autora

Gráfico 6: Quantidade de Tipo de Zoomorfo por Cena.

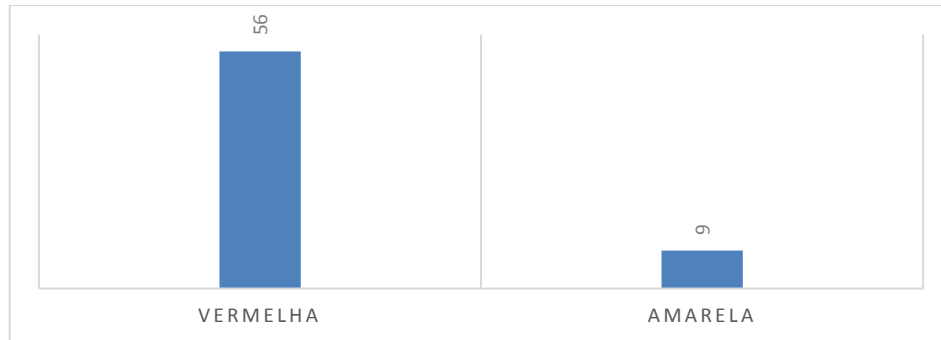
Fonte: a autora

Percebe-se que as figuras zoomórficas de répteis apareceram sempre de forma isolada, e isso também está ligado a uma característica etológica dessa classe de animal na natureza. Diferentes do peixes que apesar de serem representado de forma isolada, são animais que tem uma um comportamento de viverem em cardumes. Enquanto os mamíferos podem aparecer de forma isolada ou em bando na natureza, do mesmo jeito que foi representado com igualdade nos dos tipos de composição (Gráfico 6).

Na variável cor, foram estudados dois modos: os zoomorfos realizados em monocromia e em bicromia. Dentro dessa variável foi observado que todos os zoomorfos

representados eram monocromáticos: 56 zoomorfos em vermelho e 3 zoomorfos em amarelo (Gráfico 7) (Quadro 6).

Gráfico 7: Quantidade de Zoomorfo por Cor.



Fonte: a autora

Quadro 6: Variável cor.

Cor Vermelha	Cor Amarela
 <p>Sítio Toca do Veado</p>	 <p>Sítio Caiana</p>

Fonte: a autora

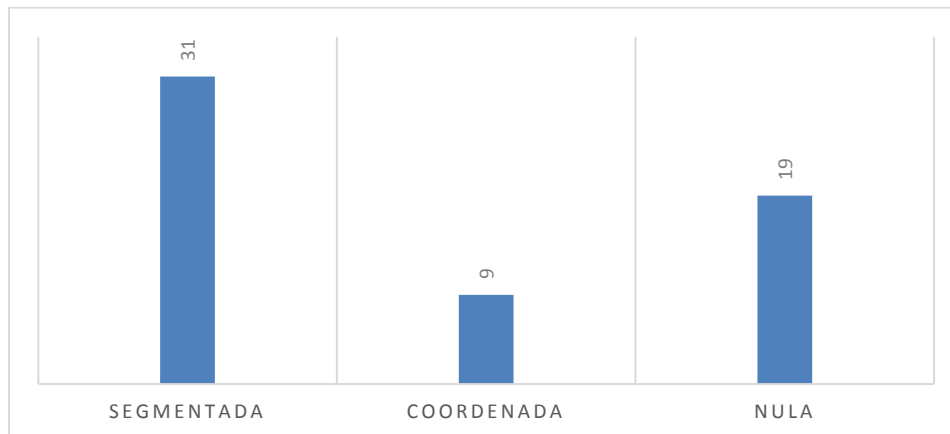
A variável animação foi escolhida por demonstrar a existência ou não de movimento no zoomorfo analisado. Dentro dessa variável, animação poderia ser nula, coordenada ou segmentada. A animação nula sendo quando não existe qualquer tipo de movimento; a animação segmentária é quando os zoomorfos apresentam movimento em uma única parte anatômica; e por último, a animação coordenada é quando o zoomorfo apresenta uma harmonia nos movimentos (Cisneiros, 2008) (Quadro 7).

Quadro 7: Tipo de animação.

Animação Nula	Animação Segmentada	Animação Coordenada
 <p data-bbox="304 808 512 846">Sítio Brejinho I</p>	 <p data-bbox="738 741 954 779">Sítio Peri-Peri II</p>	 <p data-bbox="1126 772 1465 846">Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande</p>

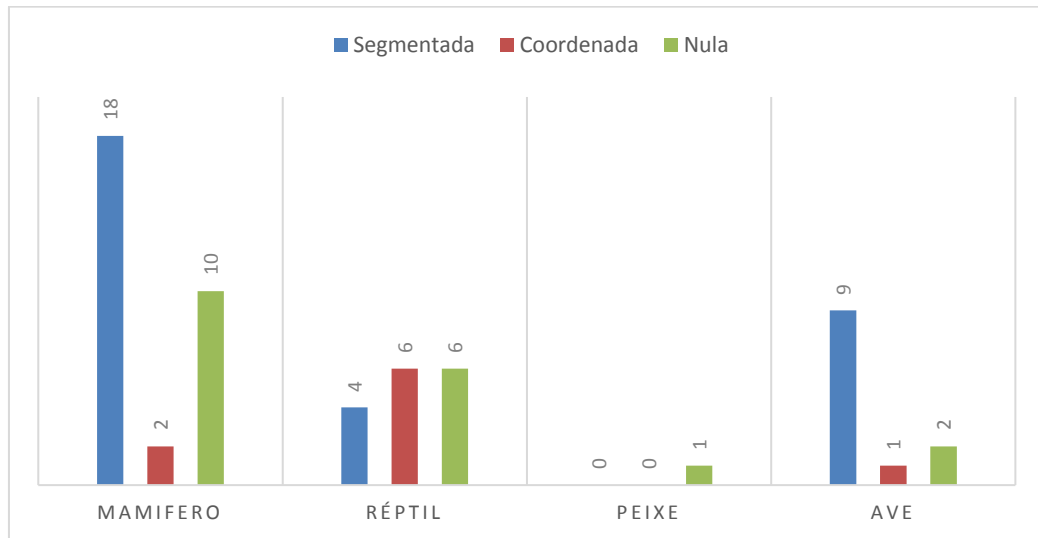
Fonte: a autora

Dentre as representações zoomórficas foram identificadas: 31 zoomorfos com a animação segmentária, sendo 9 aves, 18 mamíferos e 4 répteis; 9 foram zoomorfos com animação coordenada, sendo 1 ave, 2 mamíferos, e 6 répteis; e 19 foram zoomorfos com a animação nula, sendo 2 aves, 10 mamíferos, 1 peixe e 6 répteis (Gráfico 8 e 9).

Gráfico 8: Quantidade de Zoomorfo por Animação.

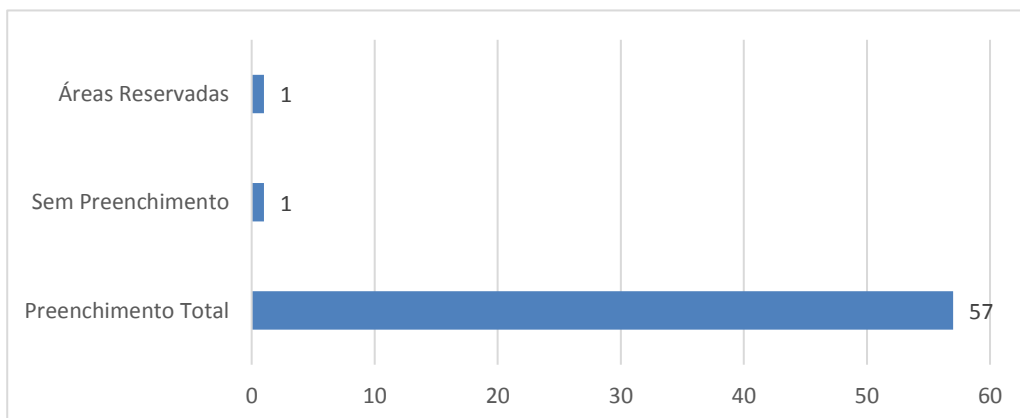
Fonte: a autora

Essa variável consiste em uma das principais na busca de elementos distintivos para a classificação das tradições atuais para registros rupestres no Nordeste do Brasil, principalmente no que tange a Tradição Nordeste e a Tradição Agreste.

Gráfico 9: Quantidade de Tipo de Animação por Tipo de Zoomorfo.

Fonte: a autora

Para análise da variável preenchimento foi indicado quatro tipos: Área reservada, na qual uma área dentro do zoomorfo fica reservada; Parcial, na qual somente algumas partes do zoomorfo são preenchidas; Sem preenchimento, é na qual o zoomorfo não é preenchido; e Total, no qual o zoomorfo é preenchido totalmente. Na análise dos zoomorfos para a pesquisa se observou apenas três tipos de preenchimento: área reservada, sem preenchimento e preenchimento total (Gráfico 10) (Quadro 8).

Gráfico 10: Quantidade de Tipo de Preenchimento

Fonte: a autora

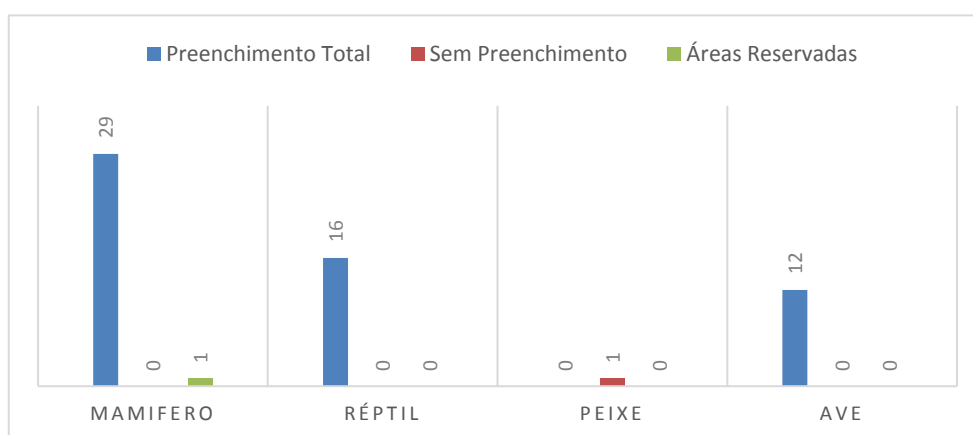
Quadro 8: Tipo de Preenchimento.

Preenchimento Total	Sem Preenchimento	Áreas Reservadas
		
Sítio Brejinho I	Sítio Alcobaça	Sítio Loca dos Caboclos

Fonte: a autora

Foi encontrado 57 zoomorfos com preenchimento total, sendo 12 aves, 29 mamíferos e 16 répteis; 1 zoomorfo sem preenchimento, sendo ele um peixe; e 1 zoomorfo com área reservada, sendo ele um mamífero (Gráfico 11).

Na categoria preenchimento percebeu-se que quase sua totalidade apresenta um preenchimento total, somente o peixe não apresenta preenchimento, a partir dos dados analisados não se pode inferir como uma característica própria do peixe, em consequência da falta de recorrência do mesmo. O único mamífero que apresenta áreas reservadas tem uma característica interessante de não apresenta patas, sendo assim possível esses fatos estarem relacionados entre si.

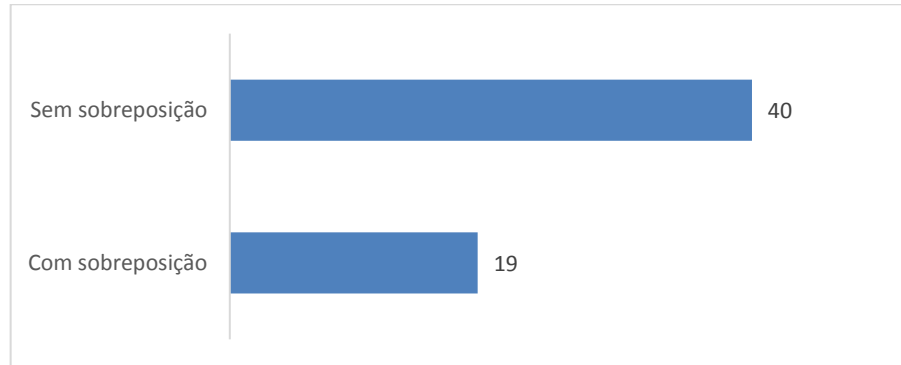
Gráfico 11: Quantidade de Tipo de Preenchimento por Tipo de Zoomorfo.

Fonte: a autora

Outra variável importante na análise foi a sobreposição, que nela foi observada a existência de uma sobreposição de imagens por cima dos zoomorfos, sendo 19 com

sobreposição, que são 14 mamíferos e 5 répteis; e 40 zoomorfos sem sobreposição sendo 12 aves, 16 mamíferos, 1 peixe e 11 répteis (Gráfico 12 e 13). Quando ocorre a sobreposição é normal ocorrer de ser tradições diferentes sobrepondo a outra (Figuras 55,56 e 57).

Gráfico 12: Quantidade de Sobreposição.



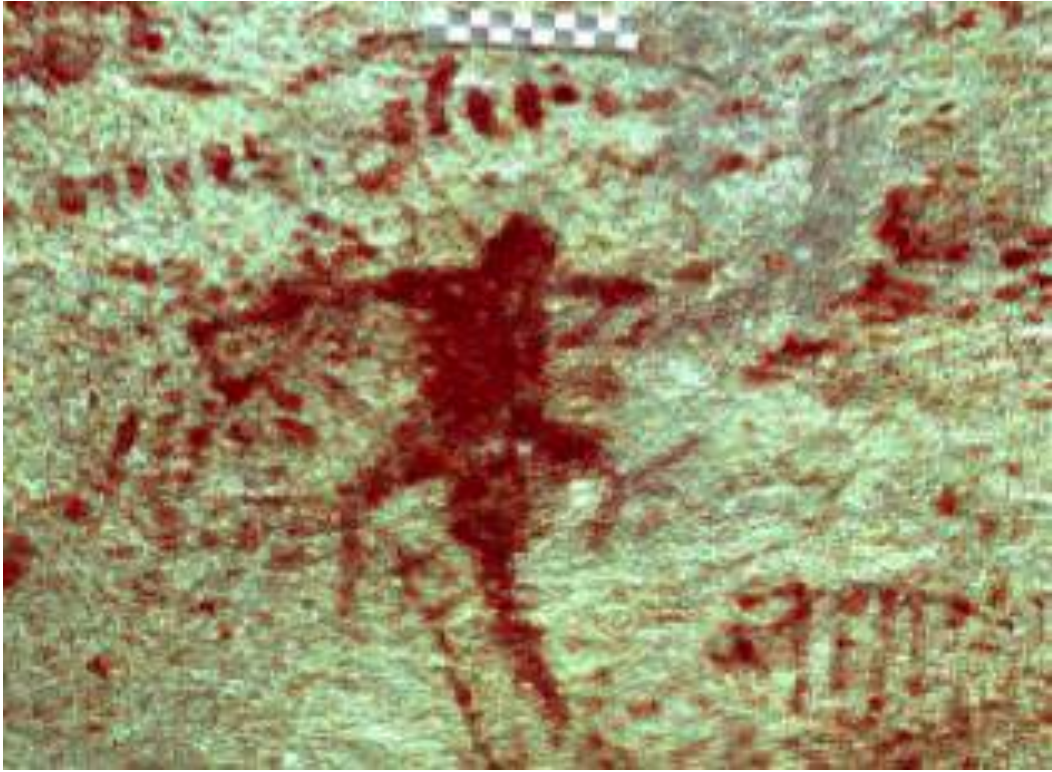
Fonte: a autora

Figura 55: Zoomorfo com sobreposição. Sítio Pedra da Lua. Editado pelo DStretch.



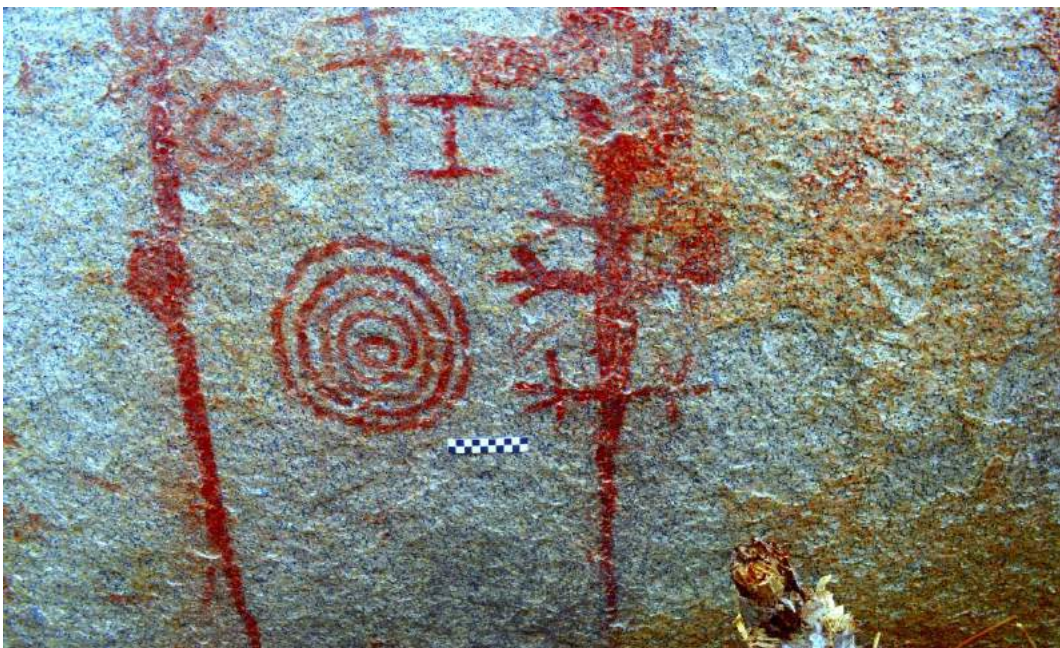
Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2011

Figura 56: Sítio Pedra do Donato. Editado pelo DStretch.



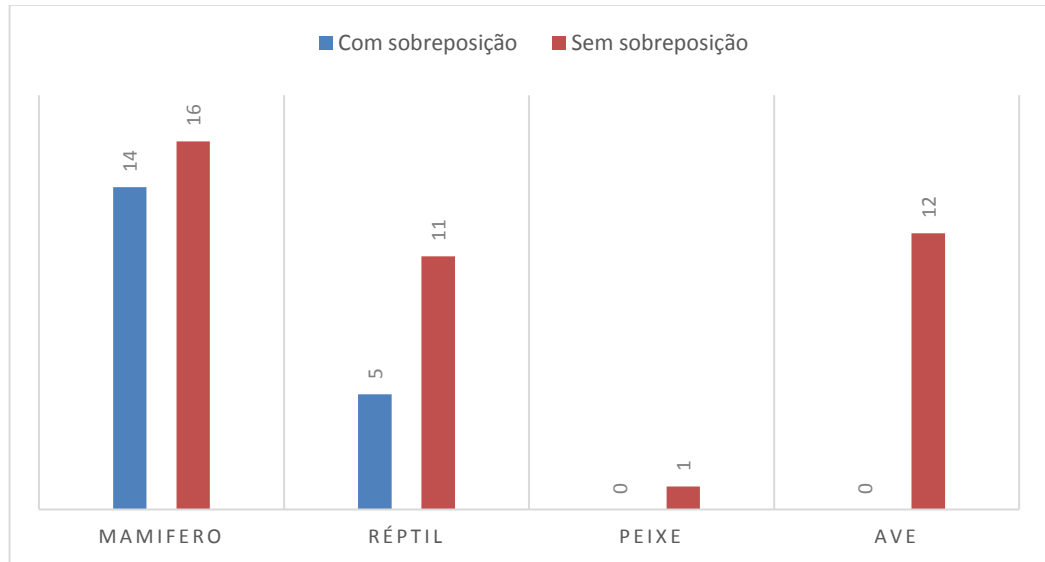
Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2010

Figura 57: Zoomorfo com sobreposição. Sítio Brejinho I. Editado pelo DStretch.



Fonte: Acervo do Laboratório de Registros Rupestres, UFPE, 2013

Gráfico 13: Quantidade de Sobreposição por tipo de zoomorfo.

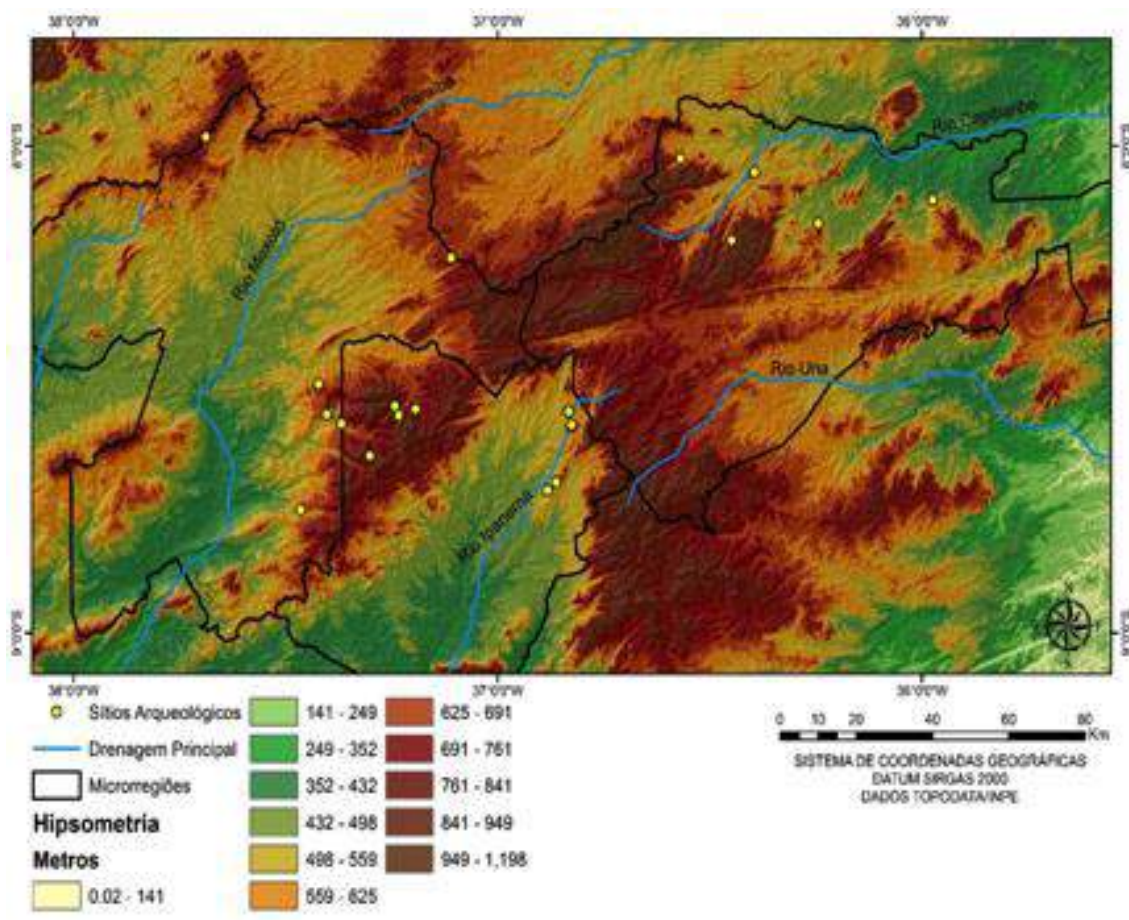


Fonte: a autora

5.3 CORRELAÇÕES DAS PINTURAS ZOOMÓRFICAS E AMBIÊNCIA

Em relação as microrregiões perceberam-se que os répteis estão localizados em sua maioria na microrregião Vale do Ipojuca com 13 figuras, e no Vale do Ipanema com 11 figuras, e somente 2 no Sertão do Moxotó. Os mamíferos apresentam quase totalidade na no Sertão do Moxotó com 21 figuras, em quanto o Vale do Ipojuca só apresenta 3 figuras e o Vale do Ipanema 6 figuras. As aves estão melhor distribuídas entre as microrregiões, sendo, 3 no Vale do Ipojuca, 5 no Vale do Ipanema e 4 no Sertão do Moxotó. E o único peixe está localizado no Vale do Ipojuca, no sítio Arqueológico do Alcobaça. (Mapa 3)

Mapa 3: Mapa da Hipsometria dos Sítios

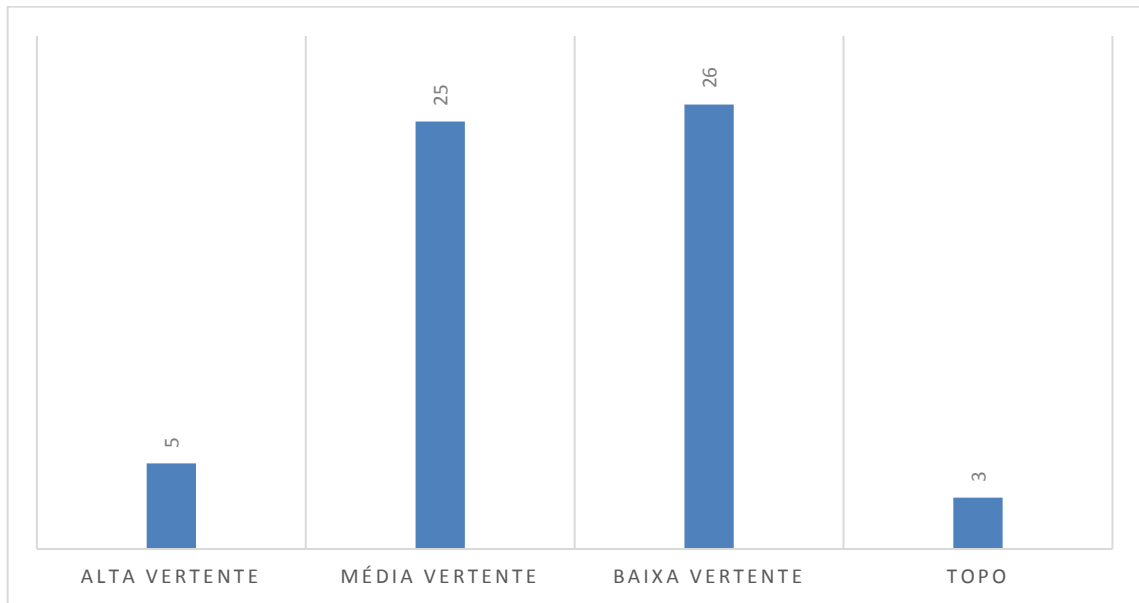


Fonte: TAVARES, Bruno (2018)

No conjunto das representações zoomórficas da área de estudo deste trabalho, dentro do universo das 59 representações zoomórficas estudadas, percebe-se que a maioria dos sítios trabalhado contém somente 1 tipo de representação zoomórfica, com a exceção dos sítios: Alcobaça que contém peixe e réptil, Peri-Peri I que contém aves e répteis, Serra Vermelha II que contém mamíferos e réptil, Sítio da Ema que contém aves, mamíferos e quadrupedes e o Tauá II que contém ave e réptil.

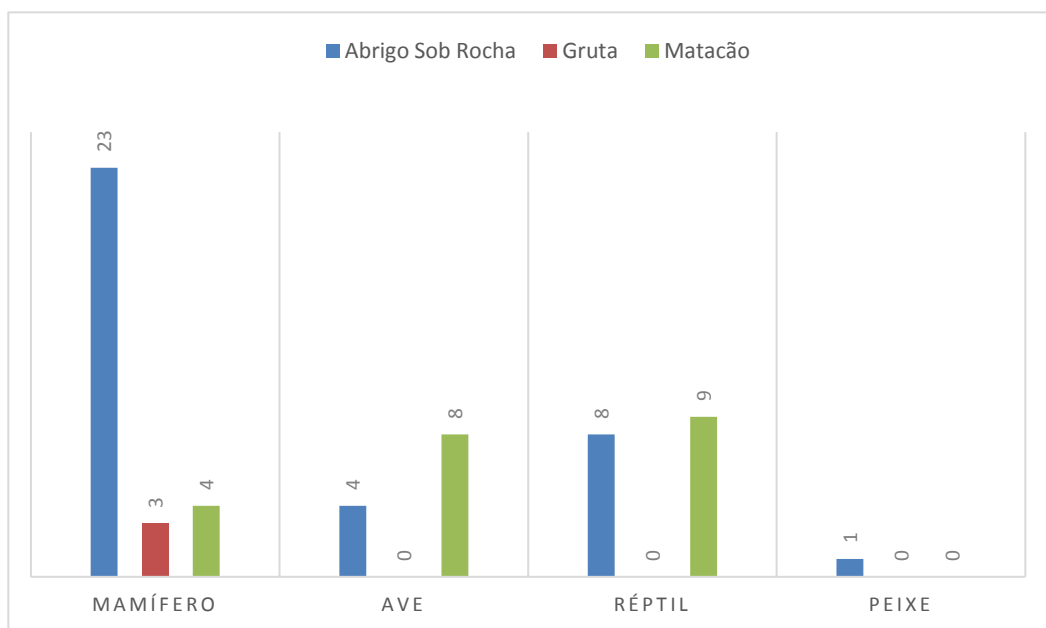
A distribuição das representações zoomórficas na região apresenta característica singular, em relação à escolha dos locais para pintar; tal escolha demonstra um comportamento de apropriação da paisagem.

Dentro das distribuições dos sítios estudados percebe-se que 5 estão localizados na Alta vertente, 26 na baixa vertente, 25 na média vertente e 3 no topo (Gráfico 14). Isso ocorre provavelmente pois estão em áreas perto de com uma fonte d'água constante.

Gráfico 14: Distribuição dos zoomorfos pelas vertentes do relevo.

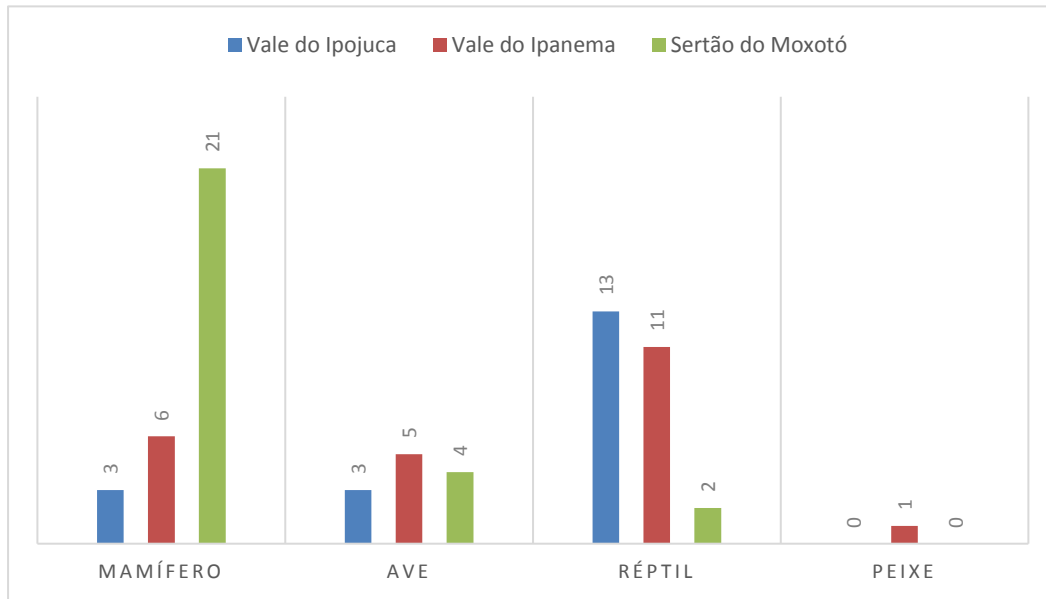
Fonte: a autora

As aves na sua maioria estão localizadas na média vertente com 7 zoomorfos, em seguida na baixa vertente com 5 zoomorfos. Os mamíferos estão localizados na sua maioria na baixa vertente com 15 zoomorfos, em seguida na média vertente com 12 zoomorfos, no topo com 2 zoomorfos, e na alta vertente com 1 zoomorfo.

Gráfico 15: Quantidade de zoomorfo por tipo de Sítio.

Fonte: a autora

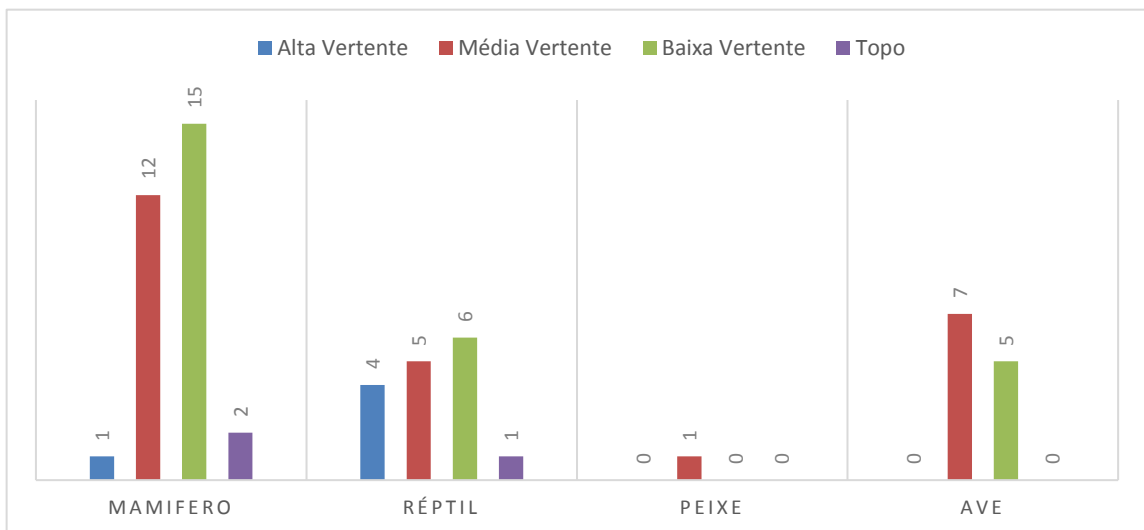
Gráfico 15: Microrregião de Zoomorfo por classe.



Fonte: a autora

O único peixe está localizado na média vertente. Os répteis estão na sua maioria na baixa vertente, com 6 zoomorfos, e logo em seguida na média vertente com 5 zoomorfos, na alta vertente com 4 zoomorfos e no topo com 1 zoomorfo (Gráfico 16).

Gráfico 16: Tipo de Zoomorfo pela Vertente.



Fonte: a autora

5.3.1. Análises do contexto regional

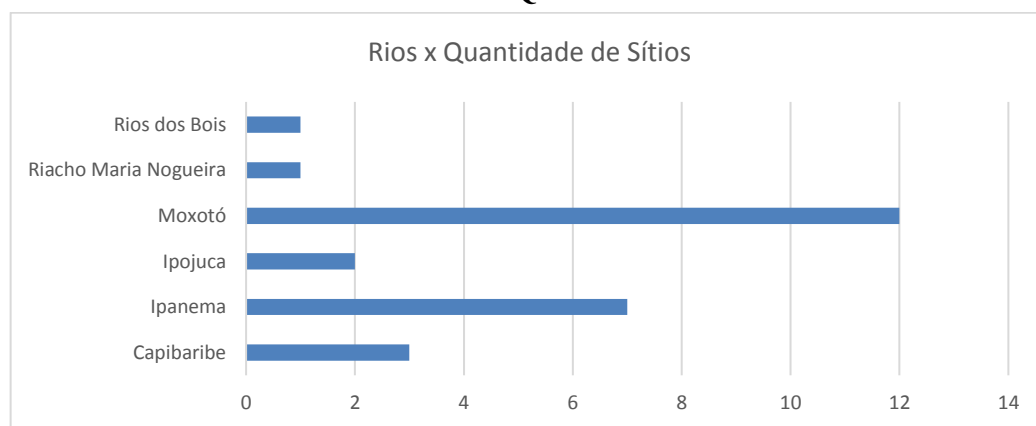
Na análise do contexto regional dos sítios arqueológicos com representações zoomórficas, discute-se sobre a paisagem e sua relação com os sítios arqueológicos. Para tanto, foram utilizadas as seguintes variáveis: Bacia Hidrográfica e Orientação da Encosta.

5.3.2. Bacia Hidrográfica

Ao observar a relação dos grupos humanos pré-históricos com a paisagem, vimos que a localização dos sítios arqueológicos com as redes de drenagens da área de estudo pode indicar os caminhos utilizados pelos grupos humanos na região.

Ao analisar a variável bacias hidrográficas buscaram-se verificar a organização das redes hidrográficas e a proximidade destas com os sítios arqueológicos que contêm pinturas zoomórficas. Assim, foi verificado que 4 bacias hidrográficas teriam influenciado na definição das rotas dos grupos humanos pré-históricos: a Bacia do Capibaribe, a Bacia do Ipojuca, a Bacia do Moxotó e a Bacia do Ipanema (Gráfico 17) (Tabela 3).

Gráfico 17: Rios x Quantidade de Sítios.



Fonte: a autora

Sítio	Rio	Bacia Hidrográfica
Alcobaça	Ipanema	Ipanema
Brejinho 1	Capibaribe	Capibaribe
Caiana	Moxotó	Moxotó
Furna da Serra do Barreiro	Moxotó	Moxotó
Furna do Letreiro da Mina Grande	Moxotó	Moxotó
Furna dos Veados	Moxotó	Moxotó

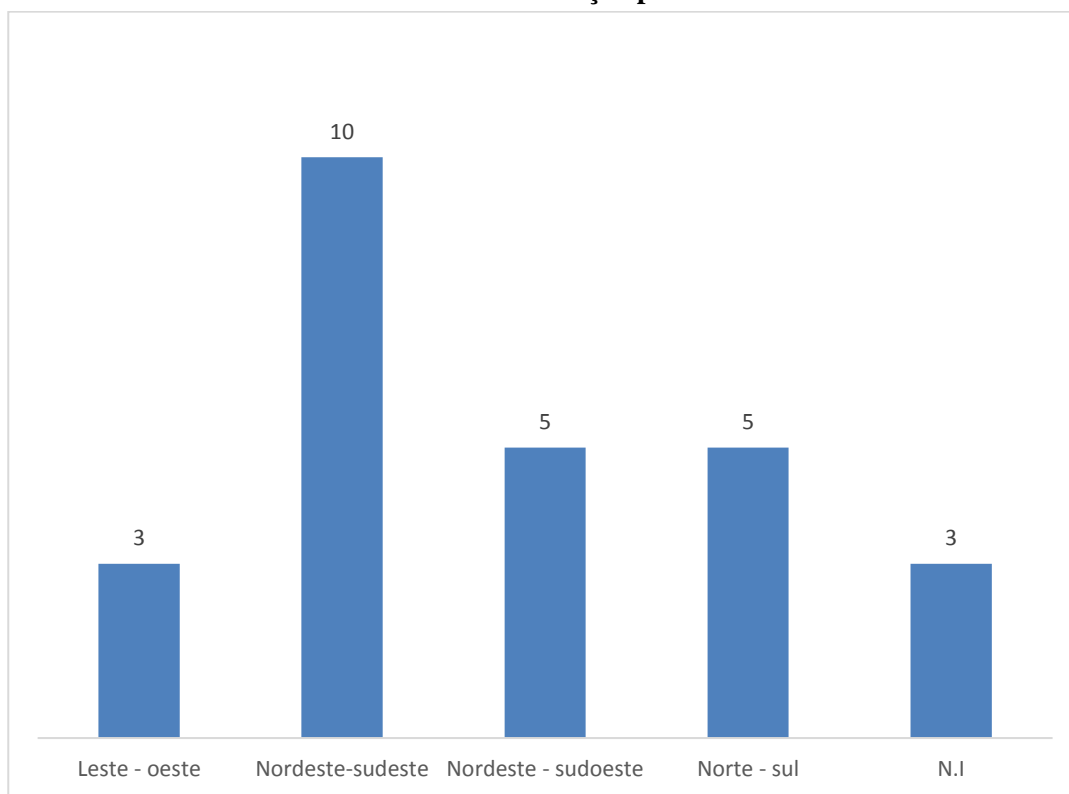
Lagoa dos Patos	Moxotó	Moxotó
Loca da Cinza	Moxotó	Moxotó
Loca dos Caboclos	Moxotó	Moxotó
Pedra da Bicuda	Capibaribe	Capibaribe
Pedra da Escritura	Ipojuca	Ipojuca
Pedra da Lua	Capibaribe	Capibaribe
Pedra do Caboclo de Pedra	Ipanema	Ipanema
Pedra do Donato	Rio dos Bois	Ipanema
Pedra do Letreiro do Tambor de Cima	Riacho Maria Nogueira	Capibaribe
Pedra do Meio V	Ipojuca	Ipojuca
Pedra Furada	Ipanema	Ipanema
Peri-Peri I	Ipanema	Ipanema
Peri-Peri II	Ipanema	Ipanema
Prata I	Ipanema	Ipanema
Prata II	Ipanema	Ipanema
Serra Vermelha	Moxotó	Moxotó
Sítio da Ema	Moxotó	Moxotó
Sítio do Veado	Moxotó	Moxotó
Tauá II	Moxotó	Moxotó
Toca do Gato	Moxotó	Moxotó

Tabela 3: Distribuição dos sítios em relação aos rios e suas respectivas bacias hidrográficas.

5.3.3. Orientação das Encostas

A orientação das encostas pode indicar elementos na escolha cultural, por parte dos grupos pré-históricos, da paisagem da área estudada; neste caso tomamos duas variáveis para a análise: Orientação dos Sítios e a Abertura.

Na esfera da orientação dos sítios arqueológicos com representações zoomórficas percebe-se que 10 sítios têm orientação Nordeste – Sudoeste; 3 sítios exibem orientação Leste – Oeste; 5 sítios têm orientação Norte – Sul; 5 sítios têm Orientação Noroeste – Sudeste e 3 não tem a sua orientação identificada.

Gráfico 18: Orientação por Sítio.

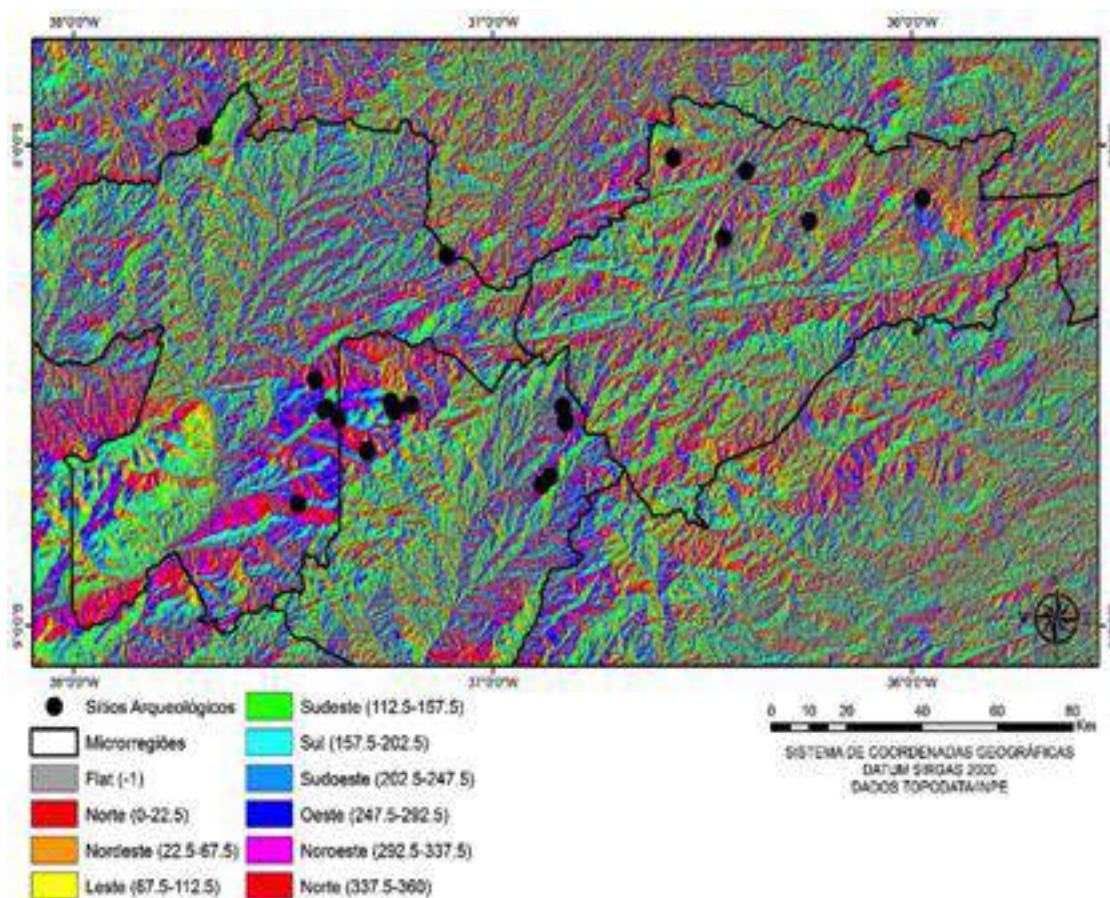
Fonte: a autora

Portanto, há dominância dos sítios com orientação Nordeste – Sudoeste, Noroeste – Sudeste, e Norte – Sul, que juntos são 20 sítios voltados para o amanhecer, o que favorece a visualização das pinturas rupestres durante o período da manhã.

Para confirmar a ponderação da escolha cultural dos locais para fixar as pinturas zoomórficas em sítios com orientações para o nascer do sol, conectar os resultados dos estudos sobre a abertura dos sítios.

O estudo da abertura dos sítios com pinturas zoomórficas exhibe o seguinte resultado: 6 sítios têm abertura para o Sudeste; 4 sítios têm abertura para o Leste; 5 sítios têm abertura para o Noroeste; 2 sítios têm abertura para o Nordeste; 3 sítios para o Sudoeste; 2 para o Norte; 1 sítio para o Sul; e 3 sítios não tem sua abertura identificada. Desta forma, ver-se que a abertura dos sítios arqueológicos se volta, prevalentemente para o amanhecer do sol. E a maioria dos abrigos estão voltado á direção contraria das chuvas que vem do oceano atlântico (Mapa 4).

Mapa 4: Mapa da Orientação das Encosta dos sítios arqueológicos.



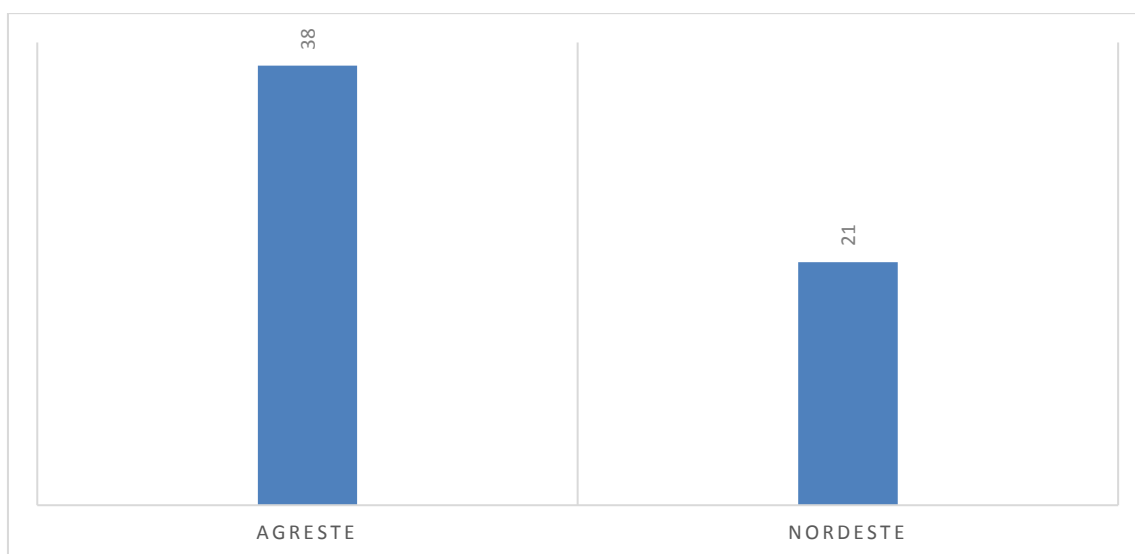
Fonte: TAVARES, Bruno (2018)

5.4 ANÁLISE A PARTIR DA TRADIÇÃO DE REGISTROS RUPESTRES

A Tradição foi determinada anteriormente como categorias de entrada para os estudos dos registros gráficos, proporcionando uma caracterização e agrupamento dos grafismos que tinham certas semelhanças.

Dentro das categorias trabalhadas para a área (Tradição Agreste e Nordeste) foi observado que 38 figuras apresentavam elementos característicos da Tradição Agreste e 21 figuras zoomorfas elementos característicos da Tradição Nordeste (Gráfico 19)

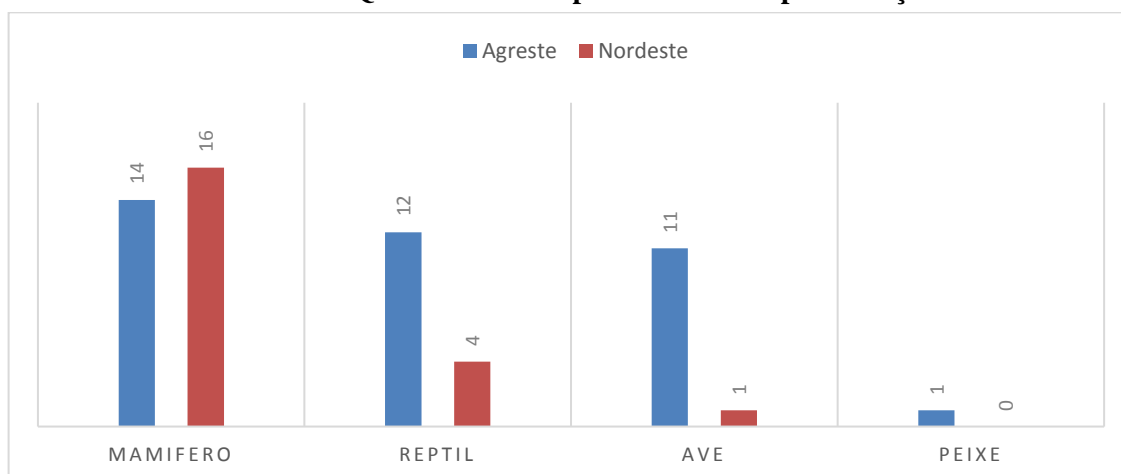
Gráfico 19: Zoomorfos com elementos característicos relacionados as Tradições Agreste e Nordeste.



Fonte: a autora

As representações zoomórficas encontradas dentro dessas tradições foram divididas na Tradição Nordeste como 16 mamíferos, 4 répteis e 1 ave; dentro da Tradição Agreste foram divididas como 14 mamíferos, 12 répteis, 11 aves e 1 peixe (Gráfico 24).

Gráfico 20: Quantidade de Tipo de Zoomorfo por tradição.

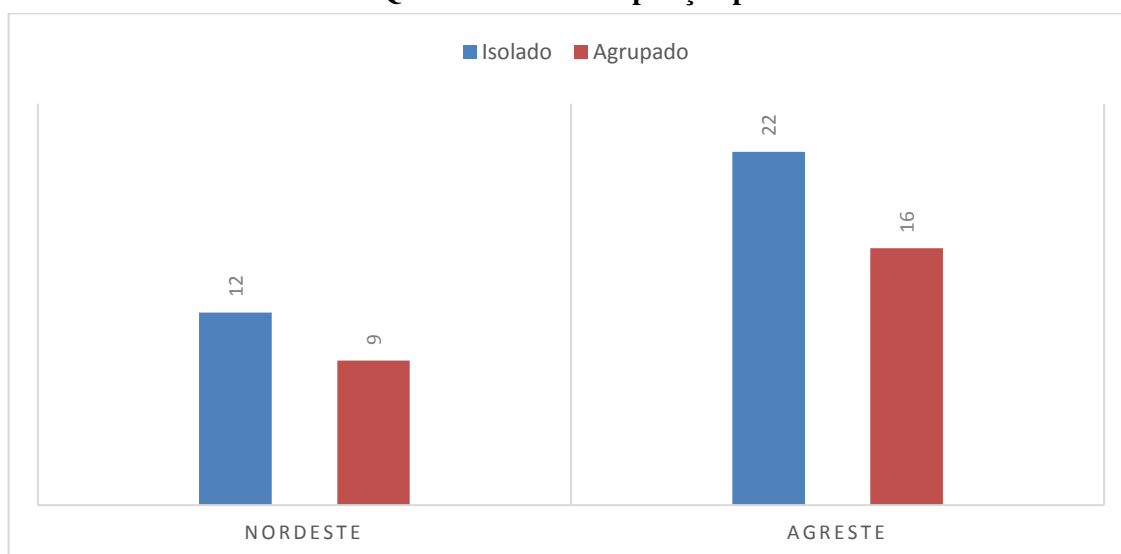


Fonte: a autora

Na relação entre a composição e a Tradição se percebeu que a Tradição Nordeste tem 12 zoomorfos isolados e 9 zoomorfos agrupados, e Tradição Agreste contém 22 zoomorfos isolados e 16 zoomorfos agrupados (Gráfico 20 e 21) (Quadro 9).

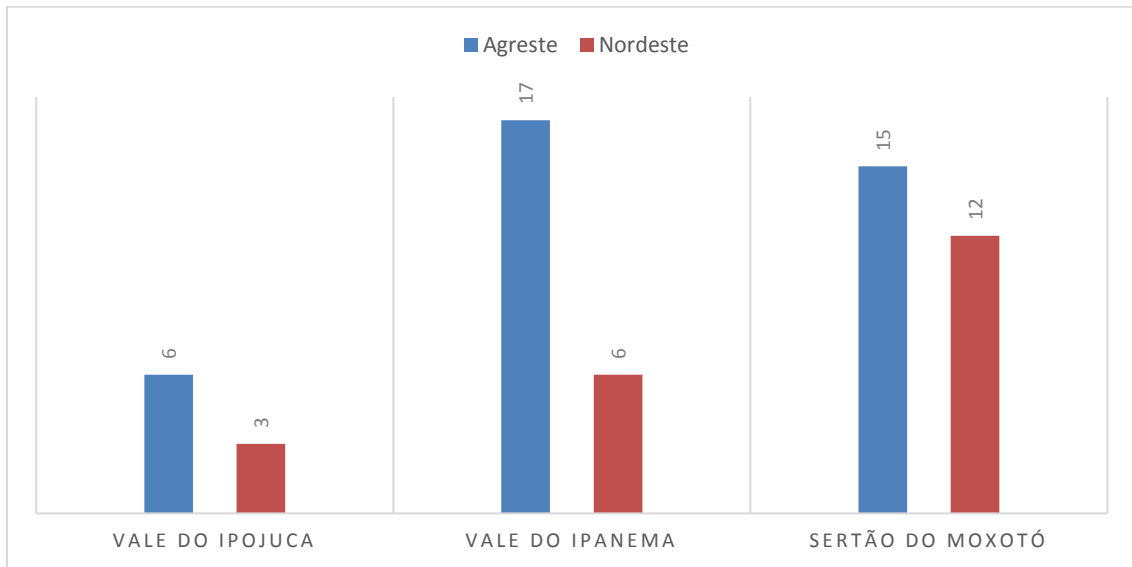
Quadro 9: Representação das Tradições.

Fonte: a autora

Gráfico 21: Quantidade de Composição por Zoomorfo.

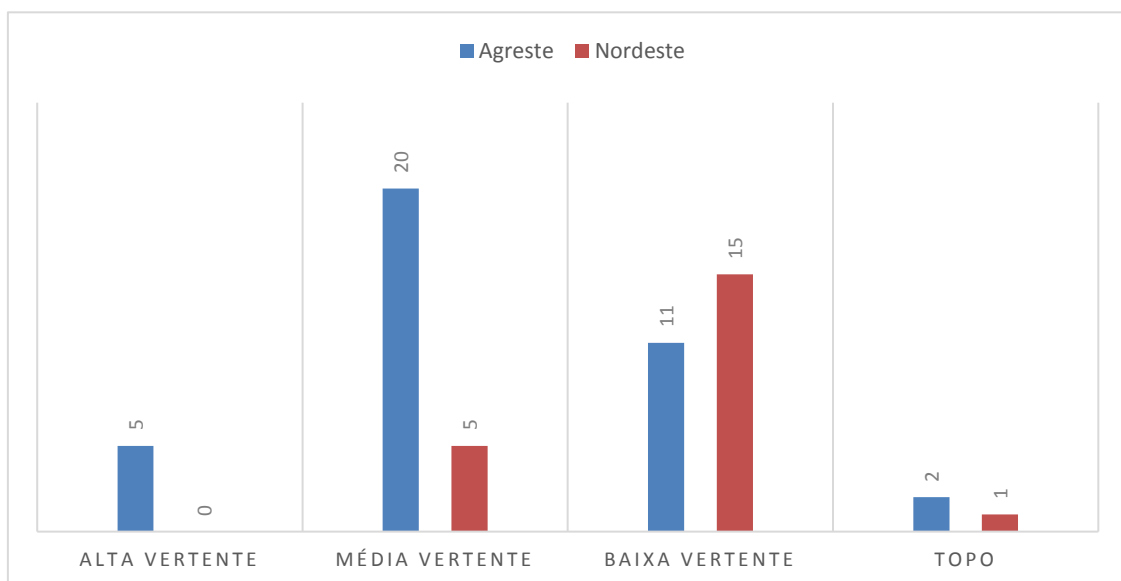
Fonte: a autora

Em relação com a localização das tradições dentro das microrregiões, percebeu se que na microrregião do Vale do Ipojuca a quantidade de zoomorfos na Tradição Agreste e nordeste são próximas, sendo 6 agreste e 3 nordeste. Na microrregião Vale do Ipanema a sua grande maioria de zoomorfo estão localizados dentro da Tradição Agreste tendo uma minoria na Tradição Nordeste, 17 agreste e 6 nordeste. Dentro da Microrregião Sertão do Moxotó a quantidade de zoomorfos dentro dessas tradições estão próximas, sendo 15 agreste e 12 nordeste. (Gráfico 22)

Gráfico 22: Divisão de tradição por microrregião.

Fonte: a autora

Na relação entre os tipo de vertente e a tradição se percebeu que a Tradição Agreste aparece em todas vertentes em uma quantidade razoável, enquanto a Tradição Nordeste só aparece na média vertente, baixa vertente e no topo. Na Alta vertente existe 5 zoomorfos da Tradição Agreste, média vertente existe 20 da Tradição Agreste e 5 da nordeste, na baixa vertente existe 11 da Tradição Agreste e 15 da nordeste, e no topo existe 2 agreste e 1 nordeste. (Gráfico 23)

Gráfico 23: Tipo de vertente por tradição.

Fonte: a autora

5.5 CORRELAÇÕES

Dentre as análises acima foi compreendido que existe dominância na representação de mamífero para a região. A diversidade de zoomorfos representados mostra que apesar da diversidade de animais existente, os grupos autores das pinturas rupestres da região elegeram apenas representarem, veados, peixes, lagartos .

Entre a composição foi identificado que existia um equilíbrio entre os zoomorfos agrupados e isolados, dentre os agrupados existia uma totalidade de cenas de bando, demonstrando assim que as cenas que eram mais representadas nesta áreas de estudo eram as cenas de bando.

Na análise do preenchimento percebeu que a maioria dos preenchimentos eram do tipo total, tipo de preenchimento característico das pinturas dessa região.

A sobreposição como foi dito anteriormente, foi uma variável analisada a partir da presença ou não de grafismos sobreposto a outro, e no qual foi observado que mais de 50% dos zoomorfos não eram sobrepostos a nenhum outro grafismo. E todos os zoomorfos que foram sobrepostos, não foram sobreposto a outro grafismo do tipo zoomorfo.

As figuras zoomórficas apresentam-se densamente pintadas, no entanto, a morfologia variará de acordo com a classe representada. Os diversos tipos de animais observados no *corpus graficus* analisado foram representados a partir de pontos de vistas específicos que permitem o reconhecimento das características básicas do animal. Desse modo, verificou-se que entre os répteis há uma dominância de vista de topo, entre as aves a projeção prevalente é frontal e dos mamíferos de perfil.

Dentro da variável de tratamento de suporte, foi possível analisar que grupos que habitavam esta região não sentiam a necessidade de realizar nenhum tipo de tratamento no suporte rochoso antes realizar os grafismos.

Durante a análise foi observado que quase que na totalidade dos sítios só tinha um tipo de zoomorfo, apesar de existir algumas exceções. E que a localidade preferida dos grupos pré-históricos que ali habitavam para realizar o grafismo rupestre era a média vertente e alta vertente.

Com relação aos rios e as bacias hidrográficas, foi analisado que as localidades dos sítios rupestres eram escolhidos pela sua proximidade com rios ou fontes d'águas. Além disso outro determinante para a escolha do sítio em alguns casos era a sua abertura e orientação está voltada para o nascer do sol.

Tabela 4: Quadro das características gerais apresentadas pelos zoomorfos nas microrregiões.

	Vale do Ipanema	Vale do Ipojuca	Sertão do Moxotó
Tipos de Animais Representados	Mamíferos, aves e répteis	Mamíferos, aves, répteis e peixe	Mamíferos, aves e répteis
Tradição de Registro Rupestre	Agreste e Nordeste	Agreste e Nordeste	Agreste e Nordeste
Composição	Isolados e Agrupados	Isolados e Agrupados	Isolados e Agrupados
Animação	Coordenada, Segmentada e Nula	Coordenada, Segmentada e Nula	Coordenada, Segmentada e Nula
Preenchimento	Total, Sem Preenchimento e Áreas reservadas	Total	Total
Sobreposição	Com sobreposição e Sem sobreposição	Com sobreposição e Sem sobreposição	Com sobreposição e Sem sobreposição
Vertente	Alta Vertente, Média Vertente, Baixa Vertente e Topo	Alta Vertente, Média Vertente, Baixa Vertente e Topo	Alta Vertente, Média Vertente, Baixa Vertente e Topo
Tipo de Sítio	Abrigo sob Rocha e Matakão	Abrigo sob Rocha e Matakão	Abrigo sob rocha e Gruta
Cor	Vermelha e Amarela	Vermelha	Vermelha e Amarela

Fonte: a autora

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Trabalho, desde o início o registro rupestre foi considerado um meio de linguagem. Por meio dessa noção de comunicação, se buscou no decorrer do trabalho identificar os diferentes meios de apresentação dos zoomorfos, para assim melhor identificar as similaridades e diferenças entre esses zoomorfos, para tentar assim identificar a relação entre os animais e os grupos humanos pré-históricos que ali habitavam. Além de também poder tentar trazer mais informações sobre a vida cotidiana a partir de cenas de zoomorfos e antropomorfos.

Assim, foi analisado o conjunto gráfico a partir de uma metodologia sistemática de atributos a fim de classificar a hipótese de que haveria mais de um padrão entre os zoomorfos das microrregião Vale do Ipanema, Vale do Ipojuca e Sertão do Moxotó.

Os vinte e seis (26) sítios selecionados nos forneceram um acervo gráfico de cinquenta e nove (59) figuras zoomórficas. Este acervo nos apresentou uma grande quantidade de dados similares, e também uma grande quantidade de dados que corroboram com a hipótese de mais de um padrão destes zoomorfos.

Percebeu-se uma variação morfológica na produção de zoomorfos, mas que quando apresentando os elementos caracterizadores das duas Tradições, percebe-se similaridades cenográficas que podem ser distribuídas nos dois grupos, Tradição Agreste e Tradição Nordeste.

A proposta deste trabalho foi a de caracterizar as figuras zoomórficas da área destas microrregiões pernambucanas, como um meio de encontrar novos dados sobre esses registros rupestres. Como explicado no início do trabalho, a problemática desse trabalho estaria na tentativa de identificar os padrões de apresentação gráfica dos zoomorfos presentes nestes sítios.

Com essa pesquisa confirmamos a hipótese inicial do trabalho. Foi observado a partir das variáveis que constituíram essa pesquisa que os zoomorfos são bastante distintos cenograficamente. Mesmo quando consideramos os mesmos tipos de zoomorfos ou cenas com temáticas idênticas, é possível observar significantes diferenças gráficas que repercutem em dois padrões distintos.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, A. N. **Participação das superfícies aplainadas nas paisagens do Nordeste Brasileiro**. São Paulo: Instituto de Geografia / USP, 1969.
- AGUIAR, A. **Tradições e estilos na arte rupestre no Nordeste brasileiro**. UFPE: Recife. CLIO - Revista do Curso de Mestrado em História. Nº 5, 91-104, 1982.
- ALMEIDA, F. F. M.; BRITO NEVES, B.B.; CARNEIRO, C.D.R. The origin and evolution of the South American Platform. **Earth Science Reviews**, 50: 77-111, 2000.
- AMARAL, M. P. V. **As pinturas rupestres da Tradição Agreste em Pernambuco e na Paraíba - Brasil**. 2015. 241f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Recife. 2015.
- BARBOSA, R. J. N. **As pinturas rupestres da área arqueológica Vale do Catimbau – Buíque, Pernambuco: Estudo das fronteiras gráficas de passagem**. 2007. 174f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Recife. 2007.
- BARBOSA, R. J. N. **Perfil gráfico das pinturas rupestres pré-históricas do Vale do Moxotó e Quadrante Nordeste da bacia hidrográfica do Pajeú - Pernambuco, Brasil**. 2013. 195f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Recife. 2013
- BEDNARIK, R. G. Rock art seen in a global perspective. **AURA Newsletter**, V.28, n. 1-2, pg. 6-11, 2011.
- BORGES, L. M. **Caracterização das Representações de Armas nos Grafismos Rupestres da Unidade Geoambiental Serra Branca no Parque Nacional Serra Da Capivara**. 2015.86f. Monografia da Graduação. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Graduação em Arqueologia. Recife. 2015.
- BORGES, L. M. **Sincronia E Diacronia Nas Cenas De Caça Do Parque Nacional Serra Da Capivara – Pi**. 2017. 200f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Recife, 2017.
- CLARKE, D. **Spatial Archeology**. Orlando: Academic Press, 1977.

- DOBREZ, L; DOBREZ, P. Canonical Figures and The Recognition of Animals in Life and Art. **BOLETÍN DEL MUSEO CHILENO DE ARTE PRECOLOMBINO**. Santiago de Chile. Vol. 19, N° 1, pp. 9-22, 2014.
- GUIDON, N. Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. **Revista Clio - Série Arqueológica**, Recife, n. 5, p. 5-10, 1989.
- GUTIERREZ, Rafael Montes. Teorías interpretativas del arte rupestre. Tiempo y Sociedad. **Revista de Historia y Humanidades**. N. 9. Pg5-22, 2012.
- HODDER, I. **Interpretación en Arqueología: Corrientes actuales**. Barcelona: Ed. Crítica. 1994.
- LINS, R. C. As Áreas de Exceção do Agreste de Pernambuco. **Recife: Série Estudos Regionais**, nº 20. SUDENE Coord. Planej. Regional, 1989.
- MARTIN, G. A Subtradição Seridó de pintura rupestre pré-histórica do Brasil. **Revista Clio – Série Arqueológica**. Recife, v.1, p. 19-26. 1989.
- MARTIN, G. As pinturas rupestres do sítio Alcobaça, Buíque, PE, no contexto da Tradição Agreste. **Clio-Arqueológica**, Recife, n. 18, p. 28–40. 2005.
- MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- MUÑOZ, G. C. Las Representaciones De Animales En El Arte Rupestre De Colombia- Sur América. **Fundamentos**. Vol. IX. 775-802. 2012.
- OLIVEIRA, A. L. N. **O Sítio arqueológico Alcobaça: Buíque, Pernambuco - Estudo das estruturas arqueológicas**. 2001. 186f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História Recife, 2001.
- PERAZZO, M.; PESSIS, A-M.; CISNEIROS, D.. As Pinturas Rupestres da Tradição Agreste em Pernambuco e na Paraíba. **Fundamento**. Vol. XII, pp. 26-49, 2015.
- PESSIS, A-M. Métodos de interpretação da Arte Rupestre: análises preliminares por níveis. **Revista Clio – Série Arqueológica**. Recife, v. 1. p. 99-108, 1984.
- PESSIS, A-M. Apresentação gráfica e representação social na Tradição Nordeste de pintura rupestre no Brasil. **Revista Clio – Série Arqueológica**. Recife, v. 5, p. 11-18, 1989.
- PESSIS, A-M. Identidades e Classificações dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. **Clio Arqueológica**. Recife, n.8, 35-68, 1992.
- PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília-DF: UNB, 1992.

PESSIS, A-M.. **O Brasil antes dos brasileiros. A pré-história do nosso país.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SANCHIDRIÁN, J. L. **Manual de arte prehistórico.** Barcelona: Ariel Prehistoria, 2001.

SILVA, A. C. da. **As representações zoomórficas na subtradição Seridó.** 2003. 121f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em História. Recife, 2003.

Silva, D. C. **Similaridades e Diferenças nas Pinturas Rupestres Pré-Históricas de Contorno Aberto no Parque Nacional Serra da Capivara – PI.** 2008. 322f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

TABARELLI, M.; SANTOS, A. M. Uma Breve Descrição Sobre a História Natural dos Brejos Nordestinos. IN: **Brejos de Altitude em Pernambuco e na Paraíba.** História Natural, Ecologia e Conservação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente – Universidade Federal de Pernambuco, 2004

TURRIÓN, J. F. P. El arte paleolítico: historia de la investigación, escuelas interpretativas, y problemática sobre su significado. **ArqueoWeb - Revista sobre Arqueología en Internet.**

VALLVERDÚ, R. V.; ROSELL, J. Las Representaciones Rupestres De Fauna De Cueva Pintada: Los Cérvidos (Sierra De San Francisco, Baja California Sur, México). **Arqueobios.** 88-103, 2009.